UNIVERSIDADE NOVE DE JULHO

HISTÓRIA

FERNANDA AVELINO ISIDORO

ILUSTRADORES E REVOLUCIONÁRIOS (1964-1985):

PIADA MUDA NOS ANOS DE CHUMBO

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado à Universidade Nove de Julho – UNINOVE - para a obtenção de Graduação em História.

Orientadora: Profª. Drª. Cristina Tromano.

SÃO PAULO

2016

DEDICATÓRIA

Ao meu Pai Amoroso Jeová que me inspirou a fazer o curso de História, que ampliou minha visão de mundo, consciência sobre a vida e ter me proporcionado condições de cursar em paz e com saúde.

À Teonila Aparecida Avelino, uma artista completa que desenha, escreve e inspira.

À minha mãe Teonila Aparecida Avelino, por seu amor, proteção, por me estimular à leitura, ao raciocínio e ao discernimento.

À minha melhor amiga Teonila Aparecida Avelino, pela disposição de me ouvir, chorar e rir.

AGRADECIMENTOS

Aos professores que ao longo do curso me proporcionaram o prazer da descoberta, das intenções por trás de um documento, das subjetividades e da militância.

Aos meus colegas, à Jane (in memoriam) e amigos da classe que ao longo do curso acompanharam as várias versões de mim.

Com carinho à minha orientadora Cristina Tromano que não apenas me orientou neste trabalho como ouviu a minha história.

TUDO ISTO
É MUITO SÉRIO
MAS PODEM RIR!
HUMORISTA NÃO ATIRA PRA MATAR!
MILLÔR

RESUMO

O período de 21 anos de ditadura no Brasil evidencia formas implícitas de produção cultural na imprensa alternativa que deveria ser acurada. A pesquisa tem como objetivo apresentar outras formas de analisar o período da ditadura, através de um rico trabalho iconográfico desenvolvido pelos ilustradores durante os anos de chumbo tornando-se fonte e objeto de pesquisa. O estudo propõe reflexões sobre outras formas de resistência e denúncia. Como ponto de partida para a composição desta análise, fizemos uma investigação em jornais, revistas e tabloides circulados pela imprensa alternativa, dirigidos diretamente por ilustradores e que foram fechados ou prejudicados financeiramente pela censura, consequentemente resgatamos muitos trabalhos que mobilizavam os sentidos, mas que foram esquecidos.

As produções realizadas pelos ilustradores são um reflexo da sociedade e foram usadas como instrumento para expor suas ideias tentando burlar a censura que reprimia e condicionava o pensamento das pessoas por meio de um discurso moralista, os que contestavam eram chamados de subversivos porque tentavam rever os conceitos impostos pelo regime ditatorial. A alteração nos traços dos desenhos indicam tanto as diferentes intenções do ilustrador quanto as mudanças na esfera política e social.

Percorrer os principais acontecimentos durante o período da ditadura através das caricaturas, dos cartuns, das charges e das tiras é entender os sentimentos e valores da sociedade dentro deste contexto. O trabalho dos ilustradores era como uma paródia das ideologias, das prisões, das torturas, dos assassinatos arbitrários para que o leitor pudesse ver de forma mais nítida a realidade. Ao analisarmos os traços nos desenhos, identificaremos outro componente no trabalho dos ilustradores: o humor. O humor irônico e sarcástico foi usado para questionar, denunciar, constranger o governo autoritário e atrair o leitor a ter um posicionamento crítico.

Palavras-chave: ditadura militar; iconografia; ilustradores; censura; imprensa alternativa; humor.

ABSTRACT

The 21-year period of dictatorship in Brazil evidences implicit forms of cultural production in the alternative press that should be accurate. The research aims to present other ways of analyzing the period of the dictatorship, through a rich iconographic work developed by illustrators during the lead years becoming a source and object of research. The study proposes reflections on other forms of resistance and denunciation. As a starting point for the composition of this analysis, we did an investigation in newspapers, magazines and tabloids circulated in the alternative press, directed directly by illustrators and that were closed or financially damaged by the censorship, consequently we rescued many works that mobilized the senses, but which were Forgotten.

The productions carried out by the illustrators are a reflection of society and were used as an instrument to expose their ideas trying to circumvent the censorship that repressed and conditioned the thought of the people through a moralistic discourse, those who challenged were called subversives because they tried to revise the concepts Imposed by the dictatorial regime. The change in the features of the drawings indicate both the different intentions of the illustrator and the changes in the political and social sphere.

To go through the main events during the period of dictatorship through caricatures, cartoons, cartoons and strips is to understand the feelings and values of society within this context. The work of the illustrators was like a parody of ideologies, prisons, torture, arbitrary killings so that the reader could see reality more clearly. In analyzing the traits in the drawings, we will identify another component in the work of illustrators: humor. Ironic and sarcastic humor was used to question, denounce, constrain authoritarian rule, and lure the reader into a critical stance.

Key-words: military dictatorship; iconography; illustrators; censorship; alternative press; humor.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO

Com o fim da Segunda Guerra Mundial, iniciou-se a Guerra Fria causando uma divisão no mundo em zonas de influência, uma americana que promovia o que eles chamavam de defesa a democracia e uma zona de influência da União Soviética que promovia o avanço da guerra revolucionária comunista, que tem como objetivo estabelecer o proletariado, o trabalhador e produtor da riqueza econômica no poder; desta forma, todos poderiam participar do processo e das transformações econômicas, sociais e políticas. Os países que cederam à influência americana foram os países da América Latina dentre estes o Brasil que se aliou com os Estados Unidos na Segunda Guerra Mundial; essa experiência militar fez com que muitos generais de alta patente fossem influenciados pela ideologia e doutrina militar de "segurança nacional", que defendia que os militares existiam para proteger a nação, e que os comunistas eram os inimigos da nação principalmente, por negarem a propriedade privada.

Em 1961, foi eleito como presidente Jânio Quadros tendo como vice João Goulart (Jango), ambos não eram comunistas e nem de esquerda, mas Jango tinha uma visão de mudanças políticas sociais porque a maioria da população vivia no campo, assim como a maioria das terras eram dos grandes latifundiários que não usavam a terra para nenhum fim. Jango que deveria assumir o governo após a renúncia de Jânio, propunha realizar a Reforma de Base. Na ocasião da renúncia, Jango estava em visita na China (comunista) em busca de novos produtos para o Brasil, entretanto os militares não queriam deixar que ele voltasse porque a preocupação tanto dos setores militares quanto da burguesia industrial era de impedir o governo de João Goulart que estaria levando o país a uma república sindicalista e da república sindicalista ao comunismo.

Goulart só poderia voltar se ele aceitasse a alteração de regime presidencialista para parlamentarista. Jango aceitou e retornou ao Brasil, mas depois de um ano chamou o plebiscito e foi restaurado o regime presidencialista. Em seguida, ele buscou a Reforma de Base, entre elas a Reforma Agrária. No dia 13 de março de 1964 Jango realizou um comício na Estação Ferroviária Central do Brasil no Rio de Janeiro e seu discurso foi interpretado que o país estava tornando-se comunista ao mesmo tempo em São Paulo, convocou-se uma marcha organizada pelas igrejas e por empresários a "Marcha da Família com Deus pela Liberdade" é por isso que muitos historiadores caracterizam o golpe de 1964 como sendo civil-militar.

Toda essa confluência chegou ao seu ápice no dia 31 de março de 1964 quando o exército comandado por Olympio Mourão Filho, anti comunista ferrenho, amparado pela frota naval dos Estados Unidos que estava aportado em Santos, estava indo em direção ao Rio de Janeiro onde Jânio se encontrava. Alertado, Jânio foi para a sua fazenda no Rio Grande do Sul. No dia 1º de abril de 1964, o senador Auro de Moura Andrade que presidia o Congresso Nacional declara que o presidente abandonou o seu posto:

> "O golpe também foi recebido com alívio pelo governo dos Estados Unidos, que não via com bons olhos a aproximação de Goulart com as esquerdas. Com os militares instalados no poder, começava a temporada de punições e violência praticadas pelo Estado. A montagem de uma estrutura de vigilância e repressão, para recolher informações e afastar do território nacional os considerados "subversivos" dentro da ótica do regime, e a decretação de Atos Institucionais arbitrários estiveram presentes desde os primeiros meses de governo." (ARAÚJO, SILVA, SANTOS: 2013; 17).

É sobre este período ditatorial de 21 anos de prisões arbitrárias, assassinatos, torturas, banimentos e desrespeito aos direitos humanos que a pesquisa foi desenvolvida. A incursão nesse período por meio dos trabalhos dos ilustradores permite que os historiadores tenham acesso ao sentimento e às particularidades da época.

O objetivo deste trabalho é analisar um conjunto de caricaturas, cartuns, charges e tiras que foram produzidas neste contexto. Essa incursão foi proposta porque a arte é política e queremos investigar como os trabalhos desenvolvidos pelos ilustradores foram usados não apenas para completar as linhas que a censura omitia da mídia escrita, mas também para produzir representações e ideias para estimular no leitor a uma consciência crítica. As ideias dos ilustradores não são autônomas, elas participaram de um conjunto de práticas e de lutas que questionaram tal ordem.

É sabido que as caricaturas, os cartuns, as charges e as tiras não são inocentes, elas podem ser usadas tanto para conscientizar quanto para alienar e levar à passividade política. Enfim, vamos analisar os quadrinhos alternativos; como os ilustradores usaram os seus trabalhos para apontar as contradições do período. Para isso, procuraremos ir além da descrição destes documentos iconográficos, iremos investigar onde foram publicados esses documentos.

A escolha de analisar o período da história por meio das caricaturas, dos cartuns, das charges e das tiras foi devido às questões que procuraremos descobrir durante a análise, como os ilustradores mostravam a distinção do discurso "democrático" da democracia, da subversão da liberdade? Como os ilustradores explicavam o que é um brasileiro banido e a tortura? Por que eles utilizaram o humor político nos desenhos? Como a criação de personagens, de imagens símbolos foram usados para a inserção de ideias? Porque os ilustradores nesse período são considerados anti-imperialistas e revolucionários? Essas são questões que procuraremos responder através da análise das imagens.

Ao analisarmos a história da ditadura pelos caminhos dos ilustradores, iremos entender as definições e distinções de caricaturas, dos cartuns, das charges e das tiras. No início da ditadura os humoristas optaram pelos cartuns, charges e tiras, Kucinski explica que a escolha se dava porque a caricatura era considerada pelo regime militar um ataque particular a um indivíduo e não a um sistema autoritário:

> “Com seu apego à hierarquia, o sistema militar avaliava como perigoso o uso da caricatura. Ao deformar fisionomias, dissecando e expondo os traços críticos da personalidade, a caricatura individualiza o ataque, abrindo o flanco a retaliações diretas. Em alguns jornais interioranos, nem mesmo a charge política genérica era permitida. Além de raras, as caricaturas eram quase sempre dos civis, que apoiaram o golpe, como os governadores Carlos Lacerda e Ademar de Barros”. (KUCINSKI: 2001; 26).

A função desse estudo é trazer à tona as várias narrativas através da produção dos ilustradores no período da ditadura. A análise que realizaremos das produções dos ilustradores no período da ditadura, será uma análise das imagens, da produção de sentidos, reconhecendo que as imagens são representações da realidade, ou seja, carregam valores, ideias e por este motivo são fundamentais para a compreensão da história das sociedades.

A análise das imagens que foram produzidas no Brasil durante o período em questão deverá contribuir para compreender as resistências, as visões críticas durante a Ditadura militar.

1 VEÍCULO DOS ILUSTRADORES

Antes de começarmos a explicar como as caricaturas, os cartuns, as charges e as tiras foram usadas para denunciar a ditadura e expressar os sentimentos e a consciência dos reprimidos, é importante explicar a plataforma, a mídia impressa que as ilustrações eram divulgadas na época como os almanaques, jornais, revistas e tabloides, porém não eram todas as mídias impressas que expressavam suas posições políticas, as que faziam isso eram conhecidas como imprensa alternativa ou imprensa nanica, "uma forma de enfrentar a solidão, a atomização e o isolamento em ambiente autoritário" (KUCINSKI: 2001; 10).

Capelato explica o que caracteriza a grande imprensa, sua especificidade é ser uma instituição que ao mesmo tempo é pública, tem obrigação de informar e formar opinião, é privada, ou seja, é uma empresa, são grandes empresas jornalísticas, com muitos interesses que não vem à tona em suas publicações, mas constrói uma ideologia conservadora que se consideram representantes das elites pensantes, que por sua vez tem uma preocupação do alargamento da participação da esfera pública porque eles entendem que a grande massa não está preparada para participar na política. O golpe é apoiado pela grande imprensa que não foi apenas testemunha como também participante no golpe, a grande imprensa não apenas observa e registra a história, mas também desenvolve o senso comum, ela não está na militância, mas faz parte da massa crítica da burguesia e da política alinhados a derrubar João Goulart contra as Reformas de Base. Ao analisar um documento jornalístico, Capelato aconselha "que se determinem os interesses econômicos e políticos; que se distinga a imprensa oficial da oficiosa; que se diferencie imprensa e opinião pública" (CAPELATO: 1988; 20).

A principal característica da imprensa alternativa é a oposição ao regime militar, "jornais alternativos cobravam com veemência a restauração da democracia e do respeito aos direitos humanos e faziam a crítica do modelo econômico... Opunham-se por princípio ao discurso oficial" (KUCINSKI: 2001; 5).

Nem todas as imprensas alternativas tinham o mesmo tipo de linguagem e de segmentos, algumas imprensas alternativas eram conhecidas como "esquerda festiva" porque o carro chefe era o humor e a ironia é essa linguagem que vamos analisar a da sátira, das contradições, do humor sarcástico político por onde as ilustrações eram veiculadas, "esse

humor funcionou como terapia coletiva, socializando uma das principais funções psicológicas do riso, a de dissipar tensões lentamente acumuladas” (KUCINSKI: 2001; 26).

A história da ditadura contada pelos caminhos dos ilustradores que apresentaremos, serão apenas alguns atalhos identificados, essa essência é o convite para um estudo mais profundo e assim poder mapear a história pelos caminhos dos ilustradores. Para analisarmos as caricaturas, os cartuns, as charges e as tiras dos humoristas, realizamos uma divisão, conforme a tabela abaixo dividida por ano, mídia, personagens, cartunista e resposta do ilustrador:

<table>
<tr><th>NOME DA MÍDIA</th><th>PERSONAGENS</th><th>CARTUNISTA</th><th>ANO</th><th>TEMÁTICA</th><th>RESPOSTA HUMORÍSTICA</th></tr>
<tr><td rowspan="15">PIF-PAF</td><td rowspan="12">-</td><td>Millôr</td><td rowspan="15">1964</td><td rowspan="6">Golpe - Ditadura Civil Militar</td><td rowspan="3">Edição número 1</td></tr>
<tr><td>Claudius</td></tr>
<tr><td rowspan="2">Ziraldo</td></tr>
<tr><td>Edição número 2</td></tr>
<tr><td>Fortuna</td><td rowspan="2">Edição número 3</td></tr>
<tr><td>Millôr</td></tr>
<tr><td rowspan="2">Fortuna</td><td>Termo Revolução no lugar de Golpe</td><td rowspan="3">Edição número 5</td></tr>
<tr><td rowspan="2">Contra os Costumes - Biquíni</td></tr>
<tr><td>Claudius</td></tr>
<tr><td>Fortuna</td><td>Extensão dos militares no poder</td><td>Edição número 6</td></tr>
<tr><td>Jaguar</td><td>Moralidade</td><td rowspan="3">Edição número 7</td></tr>
<tr><td>Fortuna</td><td rowspan="3">Golpe - Ditadura Civil Militar</td></tr>
<tr><td>Cartilha para o Povo</td><td rowspan="2">Millôr</td></tr>
<tr><td>Miss Alvorada</td><td rowspan="2">Edição número 8</td></tr>
<tr><td>-</td><td>Dinis</td><td>Contradições Burguesas</td></tr>
</table>

NOME DA MÍDIA	PERSONAGENS	CARTUNISTA	ANO	TEMÁTICA	RESPOSTA HUMORÍSTICA
JORNAL DO BRASIL	-	Jaguar	1967	Costa e Silva no poder	Edição 16/12/1967
CORREIO DA MANHÃ		Fortuna		Lei de Imprensa	1966
PASQUIM		Jaguar	1969	Costumes - (Homossexualismo)	Edição número 4
	Os Fradinhos	Henfil		Costumes	Edição número 6
	-	Surtam e Jamil		Costumes - Métodos Anticoncepcionais	Edição número 7
	Os Fradinhos	Henfil		Costumes	Edição número 8
				Celebridades que apoiavam a Ditadura	Edição número 19
	-	Ziraldo		Paródia com os Heróis Americanos	Edição número 20
				Costumes - Palavrões	Edição número 25
		Millôr		Censura	Edição Número 46
		Ziraldo	1970	Era Médici Slogan: Brasil Ame-o ou Deixe-o	Edição número 57
		Jaguar		Copa de 70 - Pra Frente Brasil	Edição número 60

NOME DA MÍDIA	PERSONAGENS	CARTUNISTA	ANO	TEMÁTICA	RESPOSTA HUMORÍSTICA
PASQUIM	-	Jaguar	1970	Paródia do quadro de Pedro Américo	Edição Número 69
				Sátira da prisão dos redatores e ilustradores de O Pasquim	Edição Número 81
		Fernando Sabino		Equipe do Pasquim Presos	Edição número 74
		Chico Buarque			
		Jaguar	1971	Tortura e Desaparecimento	Edição número 96
		Ziraldo		Política Social do Regime	Edição número 99
		Guidacci		Censura	Edição número 110
		Ziraldo		Contra os Costumes - Homossexualismo	Edição Número 105
	Os Fradinhos	Henfil		Visão da Direita sobre os Comunistas	Edição número 117
	Tamanduá			Celebridades que apoiavam a Ditadura	Edição número 118
	-	Ziraldo	1972	Música de Ano Novo da Globo x Realidade Brasileira	Edição número 131
	Cabôco Mamadô	Henfil		Celebridades que apoiavam a Ditadura	
	-				Edição número 147

<table>
<tr><th>NOME DA MÍDIA</th><th>PERSONAGENS</th><th>CARTUNISTA</th><th>ANO</th><th>TEMÁTICA</th><th>RESPOSTA HUMORÍSTICA</th></tr>
<tr><td rowspan="6">PASQUIM</td><td rowspan="5">-</td><td>Henfil</td><td rowspan="8">1972</td><td>Celebridades que apoiavam a Ditadura</td><td>Edição número 155</td></tr>
<tr><td>Jaguar</td><td>Negros Americanos na Guerra</td><td>Edição número 159</td></tr>
<tr><td>Ziraldo</td><td>Marcas norte-americanas que dominam a comunicação em massa</td><td>Edição número 165</td></tr>
<tr><td>Jaguar</td><td>Tragédia de Munique - Olimpíadas</td><td rowspan="3">Edição número 168</td></tr>
<tr><td>Claudius</td><td>Entretenimento (Olimpíadas) e Realidade Brasileira</td></tr>
<tr><td>Herói Flamenguista Negro</td><td>Ziraldo</td><td>Contracultura HQs norte Americanos</td></tr>
<tr><td>GLOBO</td><td>Sujismundo</td><td>Ditadura</td><td rowspan="2">"Povo Limpo é Povo Desenvolvido"</td><td rowspan="2">Edição número 173</td></tr>
<tr><td rowspan="4">PASQUIM</td><td></td><td>Ziraldo</td></tr>
<tr><td>-</td><td>Jaguar</td><td rowspan="2">1973</td><td>Liberdade e Comportamento</td><td>Edição Número 179</td></tr>
<tr><td></td><td>Henfil</td><td>Tortura</td><td>Edição número 200</td></tr>
<tr><td>-</td><td>Ziraldo</td><td>1974</td><td>Arena</td><td>Edição número 246</td></tr>
</table>

<table>
<tr><th>NOME DA MÍDIA</th><th>PERSONAGENS</th><th>CARTUNISTA</th><th>ANO</th><th>TEMÁTICA</th><th>RESPOSTA HUMORÍSTICA</th></tr>
<tr><td>PASQUIM</td><td>-</td><td>Nani</td><td rowspan="3">1974</td><td>Jornalistas Perseguidos</td><td>Edição número 256</td></tr>
<tr><td rowspan="2">O BALÃO</td><td>Capitão Bandeira</td><td>Paulo Caruso</td><td rowspan="2">Contracultura HQs norte Americanos</td><td rowspan="2">Edição número 9</td></tr>
<tr><td>Capitão Sidurino</td><td>Paulo Santos</td></tr>
<tr><td>MARIA QUITÉRIA</td><td rowspan="9">-</td><td>Não Identificado</td><td rowspan="4">1975</td><td>Anistia</td><td>Edição número 2</td></tr>
<tr><td rowspan="3">PASQUIM</td><td>Zélio</td><td>Tipos de Censura</td><td>Edição número 304</td></tr>
<tr><td>Ziraldo</td><td>Revolução dos Cravos</td><td>Edição número 305</td></tr>
<tr><td>Guidacci</td><td>Censura</td><td>Edição número 310</td></tr>
<tr><td>JORNAL DO BRASIL</td><td>Ziraldo</td><td rowspan="8">1976</td><td>Repressão</td><td>18/04/1976</td></tr>
<tr><td rowspan="3">HUMORDAZ</td><td>Afo</td><td>Miséria e Menor Abandonado</td><td rowspan="3">Edição número 2</td></tr>
<tr><td>Aroeira</td><td>Liberdade para Votar</td></tr>
<tr><td>Geandré</td><td>Reforma no Ensino</td></tr>
<tr><td rowspan="4">PASQUIM</td><td>Ziraldo</td><td>Fim da Censura</td><td rowspan="2">Edição número 349</td></tr>
<tr><td>Os Fradinhos</td><td rowspan="2">Henfil</td><td>Mobral</td></tr>
<tr><td>Ubaldo o Paranoico</td><td>Ditadura do Medo</td><td>Edição número 353</td></tr>
<tr><td>Rango</td><td>Edgar Vasquez</td><td>Custo de Vida</td><td>358</td></tr>
</table>

NOME DA MÍDIA	PERSONAGENS	CARTUNISTA	ANO	TEMÁTICA	RESPOSTA HUMORÍSTICA
PASQUIM	-	Marco	1976	Lei Falcão	Edição número 386
	Gip Gip	Ivan Lessa e Redi		Cerceamento das Liberdades Políticas	Edição número 388
	-	Henfil		Anistia	Edição número 416
		Claudius			
		Ziraldo	1978	Campanha Presidencial de Figueiredo	Edição número 456
JORNAL DO BRASIL				Figueiredo "Vence" a Presidência	04/02/1978
PASQUIM				Anistia	Edição número 473
JORNAL DO BRASIL			1979	Fim do AI-5	02/01/1979
		Chico Caruso		General João Figueiredo	20/07/1979
		Ziraldo		Criação dos Partidos	17/07/1979
				Figueiredo assina o fim do AI-5	27/06/1979
				Nomes dos Partidos	23/12/1979

NOME DA MÍDIA	PERSONAGENS	CARTUNISTA	ANO	TEMÁTICA	RESPOSTA HUMORÍSTICA
JORNAL DO BRASIL	-	Ziraldo	1979	Organização dos Partidos	26/12/1979
PASQUIM				General João Figueiredo Avança no Menino	Edição número 534
MOVIMENTO		Não Identificado		Ideologia Militar	jul/79
PASQUIM		Ziraldo		Balanço da Década de 1970	Edição número 550
			1981	Atentado Rio Centro	Edição número 630
ISTO É	Cartas para a Mãe	Henfil			15/07/1981
PASQUIM	-	Ziraldo	1982	Disputa entre Partidos	?
ISTO É	Cartas para a Mãe	Henfil	1983	Povo Passivo	13/07/1983
FOLHA DE SÃO PAULO	-	Angeli	1984	Diretas Já	23/01/1984
ISTO É	Cartas para a Mãe	Henfil			01/08/1984
O GLOBO	-	Chico Caruso		Disputa no Colégio Eleitoral para Presidência	19/11/1984
			1985		04/03/1985
ÚLTIMA HORA		Mariano		José Sarney na Presidência	24/04/1985

Por que a pesquisa foi dividida desta forma? Porque a divulgação dos trabalhos dos ilustradores foi realizada pela mídia, essa divulgação tem suas intenções ligadas ao momento político e social no país, muitos quadrinhos foram criados com personagens que estão relacionados com o seu tempo histórico e logo acabaram não apenas representando o cidadão brasileiro como também virando o símbolo da mídia. As respostas humorísticas do ilustrador foram uma das formas de resistência, Kucinski explica que "era um humor fortemente centrado na denúncia da coerção e da violação dos direitos humanos" (KUCINSKI: 2001; 112). Desta forma descobriremos que as caricaturas, os cartuns, as charges e as tiras têm suas historicidades, características e traços que foram alterando-se durante o período da ditadura e iremos entender os motivos através das análises das imagens.

Braga explica que os desenhos políticos humoristas tem a mesma importância que os discursos escritos e que são usados como veiculadores das mensagens jornalísticas:

> "Esse desenho não é 'encomendado' pelos editores: o desenhista (encarado em uma perspectiva que o vê mais como artista que jornalista) tem a liberdade de escolher não só o assunto que prefere abordar, mas também o ângulo, a posição crítica, que não raramente é independente da linha editorial definida para a folha. Uma só determinante: que o assunto seja da atualidade imediata. Esse é o aspecto propriamente jornalístico da charge. Assim, não só por sua localização, mas também por suas características opinativas, a charge é uma espécie de editorial, independente e personalizado." (BRAGA: 1991; 159)

É interessante que ao observarmos os quadrinhos nas imprensas alternativas, muitos dos trabalhos dos ilustradores eram vinculados com os mesmos redatores da matéria publicada, mostrando tanto sua posição sobre o texto quanto sua preferência e relação com os jornalistas.

2 PREPARAÇÃO ÀS ANÁLISES DAS IMAGENS

Quando observamos os afrescos de Michelangelo no teto da Capela Sistina, vemos que não se trata somente da arte, houve uma preocupação de explicar visualmente sobre a "criação" para adeptos que em sua maioria eram analfabetos e mesmo aqueles que eram letrados, os afrescos transmitiam impacto e dramaticidade ao relato bíblico. Da mesma forma, os trabalhos desenvolvidos pelos ilustradores durante o período da ditadura não tinham uma função apenas artística, mas uma função social de desconstruir o discurso oficial dos militares, de levar o leitor à reflexão através do pensamento por imagens.

Durante o estudo do trabalho dos ilustradores no período da ditadura, identificamos uma circularidade presente nos quadrinhos que eram influências dos eventos sociopolíticos que transformavam as imagens, que por sua vez traduziam esses eventos que havia passado por quem os reconheceu e produziu. Essa circularidade tinha uma interação direta com o leitor por meio da imprensa alternativa que ao se deparar com uma caricatura, cartum, charge ou tira, não tinha uma observação passiva, mas de um sentimento coletivo, porque as imagens eram ativas e o leitor se reconhecia, as imagens humorísticas eram persuasivas e uma representação da realidade, um intermediário da apresentação crítica da situação política ao brasileiro "por sermos feitos da mesma massa da imagem que ela nos é tão familiar e que não somos as cobaias que por vezes julgamos ser" (JOLY: 2007; 10).

A análise das imagens que iremos realizar faz parte da mensagem visual única e fixa, uma análise argumentativa com base no contexto histórico que as imagens foram produzidas. As criações dos ilustradores são semióticas; o observador podia encontrar significado dos diferentes sentimentos que lhe permeavam por causa do regime autoritário e decodificar aquele período:

> "Interpretar e analisar uma mensagem, não consiste certamente em tentar encontrar uma mensagem preexistente, mas em compreender que significações determinada mensagem, em determinadas circunstâncias, provoca aqui e agora, sempre tentando destrinçar o que é pessoal do que é coletivo" (JOLY: 2007; 48).

Uma das características dos quadrinhos é que as imagens estão acompanhadas pelas palavras, Godard compara o uso das palavras em imagens com a cadeira e mesa, Joly explica:

> "Queiramo-lo ou não, as palavras e as imagens estão ligadas, interagem, completam-se, iluminam-se com uma energia vivificante. Longe de se excluírem, as palavras e as imagens alimentam-se e exaltam-se mutuamente. Correndo o risco de parecer paradoxal, poderíamos dizer que quanto mais trabalhamos sobre as imagens mais amamos as palavras." (JOLY: 2007; 154).

O uso das frases pelos ilustradores tem uma função de âncora ou legenda das imagens e o tipo de linguagem utilizada é a popular. Um dos pontos interessantes ao analisarmos as charges, as tiras e os cartuns são as falas distintas que permitem identificar o nível sociolinguístico, isso é permitido porque as ilustrações eram veiculadas na imprensa alternativa e o ilustrador tinha uma liberdade de usar e criar uma linguagem crítica e coloquial da época, como na revista Pasquim.

Escrever um recorte, um período da história contemporânea por meio das imagens é um desafio, porque há um estereótipo que o documento escrito traga muito mais informações que uma imagem, que contar a história por meio das imagens não é história, é "pré-história", ou seja, sem a escrita não existe história, porém Knauss nos adverte:

> "Desprezar as imagens como fonte da História pode conduzir a deixar de lado não apenas um registro abundante, e mais antigo que a escrita, como pode significar também não reconhecer as várias dimensões da experiência social e a multiplicidade dos grupos sociais e seus modos de vida" (KNAUSS: 2006; 4).

Desta forma, vemos que analisar a história por meio das imagens, é analisar outras "dimensões da experiência social", do conhecimento, do modo de ver, pensar o processo e das transformações históricas. Contudo, o olhar é um pensamento construído pela sociedade, ela sofre influências externas e a imagem é uma mensagem para o outro, por isso precisamos descobrir para quem as caricaturas, os cartuns, as charges e as tiras foram produzidas e quais eram as suas intenções.

Ao analisarmos os desenhos dos ilustradores dentro do período da ditadura, temos que entender que a arte é influenciada pela política e economia, desta forma a técnica é alterada de acordo com as transformações sociais; logo as ilustrações para serem reproduzidas dependem da impressão, das cópias que por sua vez precisam ser econômicas, por isso em 1850 foi desenvolvida a técnica do desenho "a traço", sem tons, somente em preto e branco que é utilizado até os dias de hoje na imprensa. Ao explicarmos as várias formas de humor gráfico nos trabalhos dos ilustradores, não significa obrigatoriamente que tal trabalho possa ser

categorizado como caricatura, cartum, charge ou tira, porque podemos encontrar elementos da caricatura nas charges, cartuns com elementos de charges jornalísticas, como também tiras com a união de várias das produções já citadas. Caracterizemos cada uma destas produções:

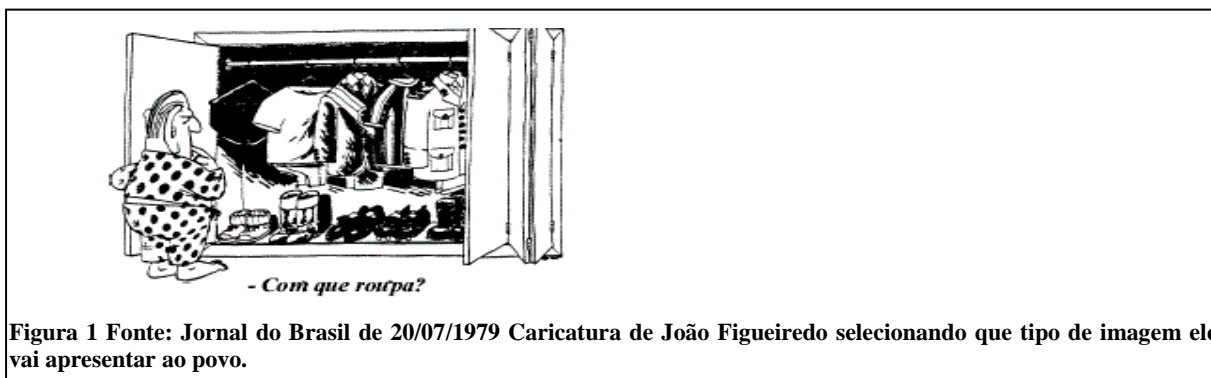
2.1 Caricatura:

O desenho como retrato é uma idealização lisonjeira da pessoa, já a caricatura revela a personalidade do caricaturado do ponto de vista do ilustrador ou da opinião pública, Fonseca explica que a caricatura faz seu modelo descer do pedestal:

> "A caricatura é a representação plástica ou gráfica de uma pessoa, tipo, ação ou ideia interpretada voluntariamente de forma distorcida sob seu aspecto ridículo ou grotesco. É um desenho que, pelo traço, pela seleção criteriosa de detalhes, acentua ou revela certos aspectos ridículos de uma pessoa ou de um fato. Na maioria dos casos, uma característica saliente é apanhada ou exagerada. Geralmente a caricatura é produzida tendo em vista a publicação e com destino a um público para quem o modelo original, pessoa ou acontecimento, é conhecido." (FONSECA: 1999; 17).

É importante analisarmos que a caricatura tem como centro da sátira o homem bem como os valores do Renascimento; movimento cultural que buscou retornar a Antiguidade clássica[1].

No período da ditadura a caricatura foi proibida, Ziraldo explica que mais tarde os cartunistas tiveram que reaprender a criar caricatura e notaremos que foi muito usada no período do presidente Figueiredo que queria transmitir uma boa imagem e permitiu que os ilustradores criassem caricaturas, porém os ilustradores por meio das caricaturas lembravam ao leitor que ele era um militar, esse recurso é usado para mostrar outras derivações da palavra caricatura que é de mostrar 'a cara', ou caráter:

Figura 1 Fonte: Jornal do Brasil de 20/07/1979 Caricatura de João Figueiredo selecionando que tipo de imagem ele vai apresentar ao povo.

[1] O caricaturista mais antigo é o grego Poson que criava paródia das cenas sagradas.

2.2 Charge:

Ramos explica que “a charge aborda temas do noticiário e trabalha em geral com figuras reais representadas de forma caricata, como os políticos; a tira mostra personagens fictícios, em situações igualmente fictícias” (RAMOS: 2009; 16). Para entendermos uma charge no período da ditadura temos que recorrer ao noticiário político da época, porque o texto é o alvo, a charge desmonta a lógica da expressão verbal por meio da contestação:

Figura 2 Fonte: ZIRALDO. Ziraldo n’O Pasquim: só dói quando eu rio. Rio de Janeiro: Globo, 2010.

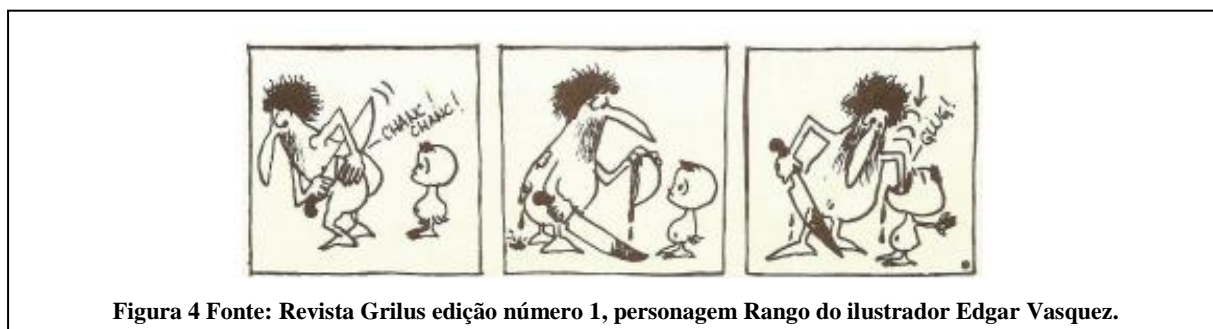
2.3 Cartum:

Ramos explica que o cartum não está vinculado a um noticiário jornalístico, diferentemente da charge; o cartum é atemporal porque as situações e os personagens são fictícios, como Ziraldo explica em termos simples nos tempos da ditadura cartum significa ‘piada muda’:

Figura 3 Fonte: JAGUAR; CARUSO. O Pasquim - Edição Comemorativa 40 Anos. Rio de Janeiro: Desiderata, 2009.

2.4 Tira:

Muitos a identificam com o seu uso de sequência de quadrinhos, mas ela também pode ser uma tira de um único quadro, ademais, conforme explicado por Ramos, a tira usa personagens fictícios em ambientes fictícios, mas isso pode ocorrer também no cartum, porém, o que os distingue é o tom da piada no final da tira, “se torna um híbrido de piada e quadrinhos. Por isso, muitos a rotulam como sendo efetivamente uma piada” (RAMOS: 2009; 24). Nos anos de chumbo, a tira foi muito usada para inserir personagens que contestavam os costumes, ou que tinham características da cultura brasileira, descolonizando os quadrinhos brasileiros na época dominados pelos padrões norte americano.

Figura 4 Fonte: Revista Grilus edição número 1, personagem Rango do ilustrador Edgar Vasquez.

2.5 Símbolo:

No período da pré-escrita, ao observarmos as pinturas rupestres, o homem utilizava-se de signos, ou sinais para representar ideias abstratas, na contemporaneidade vemos a permanência e continuidade desse processo o que se modifica são as intenções, mas o objetivo de transmitir seus pensamentos e conceitos permaneceu. Joly explica o uso dos símbolos na contemporaneidade:

> "Consiste em dar à imagem uma significação que parte dela, sem que lhe seja intrínseca. Trata-se de uma interpretação que ultrapassa a imagem, desencadeia palavras, uma ideia ou um discurso interior partindo da imagem que é o suporte, mas que a ela simultaneamente está ligada" (JOLY: 2007; 140).

Na imprensa alternativa os ilustradores fizeram muito uso da imagem ícone ou símbolos, porém, o seu significado não estava intrínseco, não era uma imagem alimentando outra imagem. Essas imagens de representações abstratas que os ilustradores criaram, por mais que tivesse que recorrer à temporalidade, à informação jornalística para entender o seu significado, elas são antes, indícios porque elas são compreendidas por outros que não a criaram; essa comunicação pela imagem símbolo acontece devido ao contexto social e político. Os ilustradores ao criarem um personagem símbolo, o objetivo não era desenvolver um caráter nos personagens, mas era um processo interno e externo de inserir ideias nos personagens para produzir externamente nos leitores pensamentos.

Figura 5 Fonte: HENFIL. A Volta do Ubaldo - o Paranoico. Rio de Janeiro: Geração, 2006. Do cartunista Henfil. O cartunista faz uma crítica ao medo paralisante da sociedade ao criar o personagem Ubaldo o Paranoico.

2.6 Antropomorfismo:

O tabloide Pasquim fez uso do antropomorfismo ao criarem o rato Sig como mediador da expressão psicológica e emocional, os ilustradores fizeram uso do antropomorfismo que é um conceito filosófico de imposição de traços humanos como imagem e comportamento em animais, objetos ou ambientes, esse método foi muito utilizado na mitologia grega. Os ilustradores fizeram uso da imagem símbolo antropomórfica para conceitualizar suas ideias, seus pensamentos e sensações, interagindo com a memória crítica do leitor.

> "O rato Sig, que ele criou, era o mestre de cerimônias do Pasquim, aparecia na capa e na abertura das matérias que eram a novidade da semana. Sonhador, valentão, irônico, deslumbrado, o Sig tinha tantas cara diferentes que só para vê-lo valia a pena comprar o jornal" (REGO: 1996; 108).

O uso do antropomorfismo nos quadrinhos não é uma escolha estética, aleatória e inocente dos ilustradores, é uma representação gráfica que será inserida no imaginário coletivo nos anos da ditadura, dando identidade a um grupo leitor.

Figura 6 Fonte:: Pasquim Edição número 47 dos ilustradores Ivan Lessa e Jaguar

2.7 Humor Gráfico:

O humor gráfico foi muito usado nos trabalhos dos ilustradores durante o período da ditadura, porque o humor é persuasivo, tem intenções porque o riso é social, não é inocente, não é puro, o riso é libertador e usado nas ilustrações dentro do contexto jornalístico no período de repressão, expõem as fraquezas e contradições assim o riso é usado como arma para constranger:

> “O riso é, antes de tudo, um castigo. Feito para humilhar, deve causar à vítima dele uma impressão penosa. A sociedade vinga-se através do riso das liberdades que se tomaram com ela. Ele não atingiria o seu objetivo se carregasse a marca da solidariedade e da bondade” (BERGSON: 1983; 92).

Figura 7 Fonte: O Pasquim Edição número 57 charge de Ziraldo

No capítulo a seguir, faremos uma incursão nos tempos da ditadura pelo traço dos ilustradores, mas assim como num passeio por uma trilha temos que nos equipar para a viagem e levar conosco conhecimento sem descartar nossas próprias experiências mesmo numa trilha desconhecida, o convidamos a trilhar os anos de chumbo sem descartar suas experiências e seu olhar analítico para a descoberta do implícito e consequentemente do riso.

3 ILUSTRADORES E REVOLUCIONÁRIOS

O que destaca os ilustradores nos anos de chumbo dos demais profissionais era a inserção do humor político nos desenhos. O desenvolvimento do humor político está muito mais relacionado à ideologia, a concepção do ilustrador do que a um conceito, uma definição. Quando o ilustrador cria um personagem, ele é desenvolvido para defender suas ideias e ao mesmo tempo estar em parceria com o leitor, a partir do momento que o desenho incomoda, o leitor reage e se distancia de uma postura passiva, assumindo uma atitude passional, isto significa que o ilustrador atingiu seu objetivo. Ademais, muitos dos ilustradores eram militantes como Henfil, por isso o humor político nos desenhos não era panfletário, mas sim engajado, por isso conseguia causar uma catarse.

Os ilustradores não podiam atacar diretamente o regime, mas utilizavam várias técnicas humorísticas através do traço e da construção do desenho humorístico para ridicularizar a lógica do sistema; inicialmente a moral e costumes da burguesia e por fim, contra a política e às regras do regime. Usam o desenho humorístico para contestar de forma implícita o regime e paralelamente conseguem trabalhar o riso, que é aquele momento em que o leitor encontra o prazer da descoberta do implícito, logo o ilustrador convidou o leitor a ter uma postura crítica estimulando a percepção, porque o desenho é social assim como o riso é popular, assim o ilustrador tem que desenvolver o seu trabalho levando em conta a leitura do público.

O que tornava um desenho em humor satírico na época da ditadura era que os ilustradores conseguiam desvendar uma fraqueza dos adversários e desenvolver várias técnicas como a caricatura, o cartum, a charge e a tira para ativar o riso nos leitores, estimulando a cognição e ao mesmo tempo golpeando o regime autoritário, utilizando o desenho de humor satírico como instrumento de reflexão e crítica. Ao observarmos as mudanças de intenções e consequentemente uma transformação nos traços dos desenhos, que não é autônoma vem do período político que o país vive alterando a arte, traçaremos um curso pelas críticas aos costumes, ao mecanismo de controle, às resistências, às sátiras aos grupos dominantes, revelando práticas sociais, culturais e políticas, para isso delineamos algumas rotas nos anos da ditadura divididas por períodos que alteraram as intenções e as estéticas dos desenhos: contracultura, consolidação da ditadura, anistia e abertura política.

3.1 Contracultura:

É um período[2] que teve o seu auge nos anos 60 nos Estados Unidos, como contestação a guerra, ao preconceito, a cultura dominante ocidental ditado pelas regras contraditórias, moralistas e hipócritas do imperialismo burguês. Portanto, neste período os trabalhos dos ilustradores são muito mais marcados à crítica aos costumes do que a política. Veremos uma ruptura à cultura dominante e um estímulo a novas percepções como às drogas e à liberdade sexual.

No que tange ao traço, os ilustradores desenvolvem um traço mais simples e limpo, sem muitos detalhes ao representarem personagens e cenários, porém encontramos também outra técnica desenvolvida conforme observada por Santos:

> "Os autores do comix underground, surgido na década de 1960, adicionaram hachuras (linhas paralelas empregadas para o sombreamento e para acentuar o volume) e usaram traços grossos e o contraste maior entre preto e branco em suas sátiras à sociedade estadunidense e ao comportamento da classe média. Tal estilo gráfico também é encontrado no trabalho de artistas nacionais, principalmente a partir da década de 1970" (SANTOS: 2014; 17).

Durante a incursão no período da Contracultura, conheceremos a criação dos personagens os Fradinhos de Henfil que é um ilustrador de comportamento, por isso ele desenvolve uma crítica aos costumes criando personagens que foram usados como rompimento das palavras puritanas, do moralismo e a repressão ao linguajar. Nos Fradinhos temos dois personagens o Cumprido que representa a direita moralista e politicamente correta e o Baixinho que se apresenta como “cumunista”, no entanto o ilustrador o apresenta como a direita vê os comunistas contra a família e bons costumes.

[2] Não é um período linear, acompanharemos esse período de contestação presente simultaneamente com outros movimentos nos 21 anos de ditadura.

CONTRACULTURA

Figura 8 Fonte: Pif-Paf Edição número 5 do cartunista Claudius. Sátira aos conservadores que criticavam o uso do biquíni que era considerado ousado e provocativo.

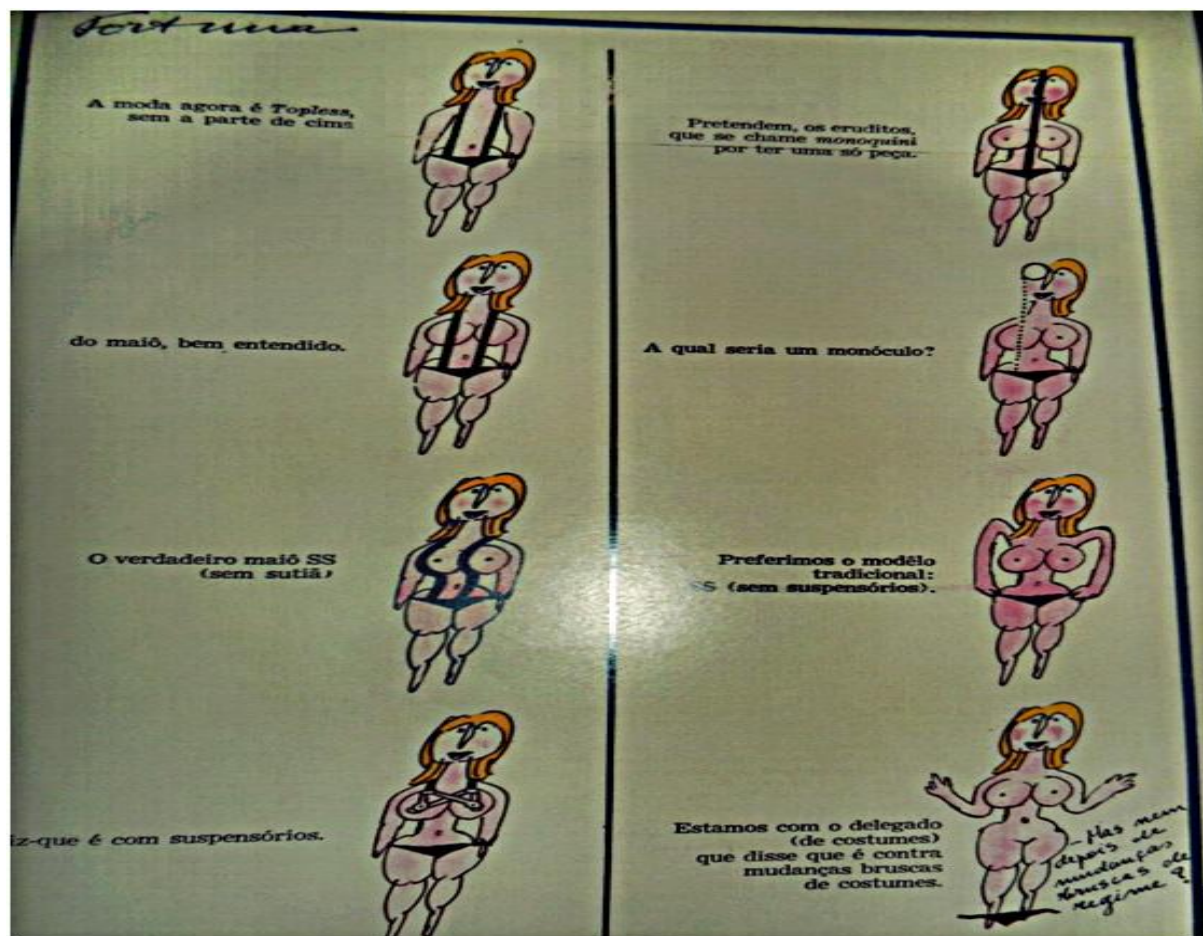



Figura 9 Fonte: Pif-Paf Edição número 5 do cartunista Fortuna, o cartunista ao mesmo tempo que critica os costumes critica também o atual governo conforme podemos ver na imagem da última tira a direita "Estamos com o delegado (de costumes) que disse que é contra mudanças bruscas de costumes", depois o cartunista escreve à mão "mas nem depois de mudanças bruscas de regime?"

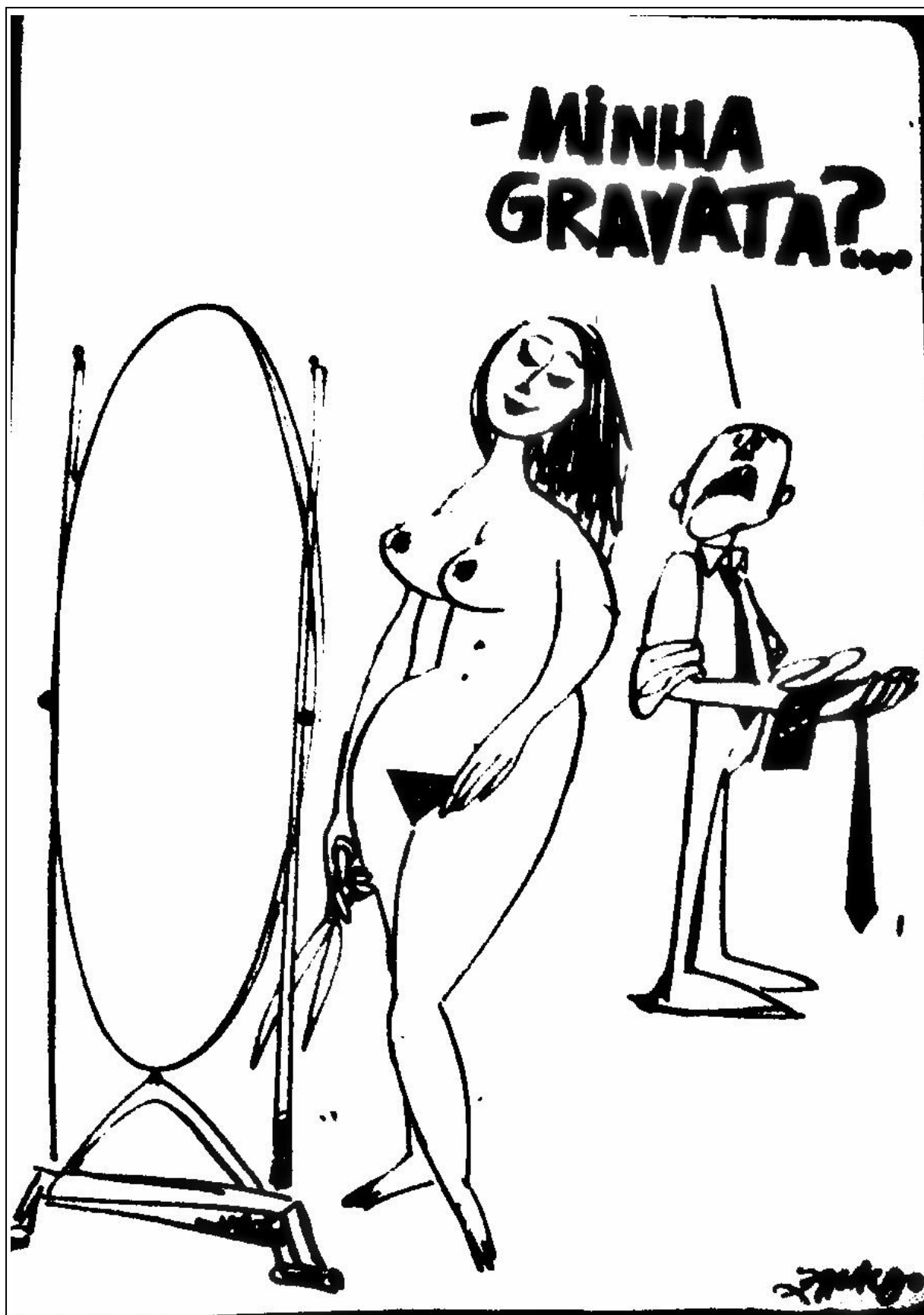



Figura 10 Fonte: Pif-Paf Edição número 5 do cartunista Ziraldo Crítica aos Costumes

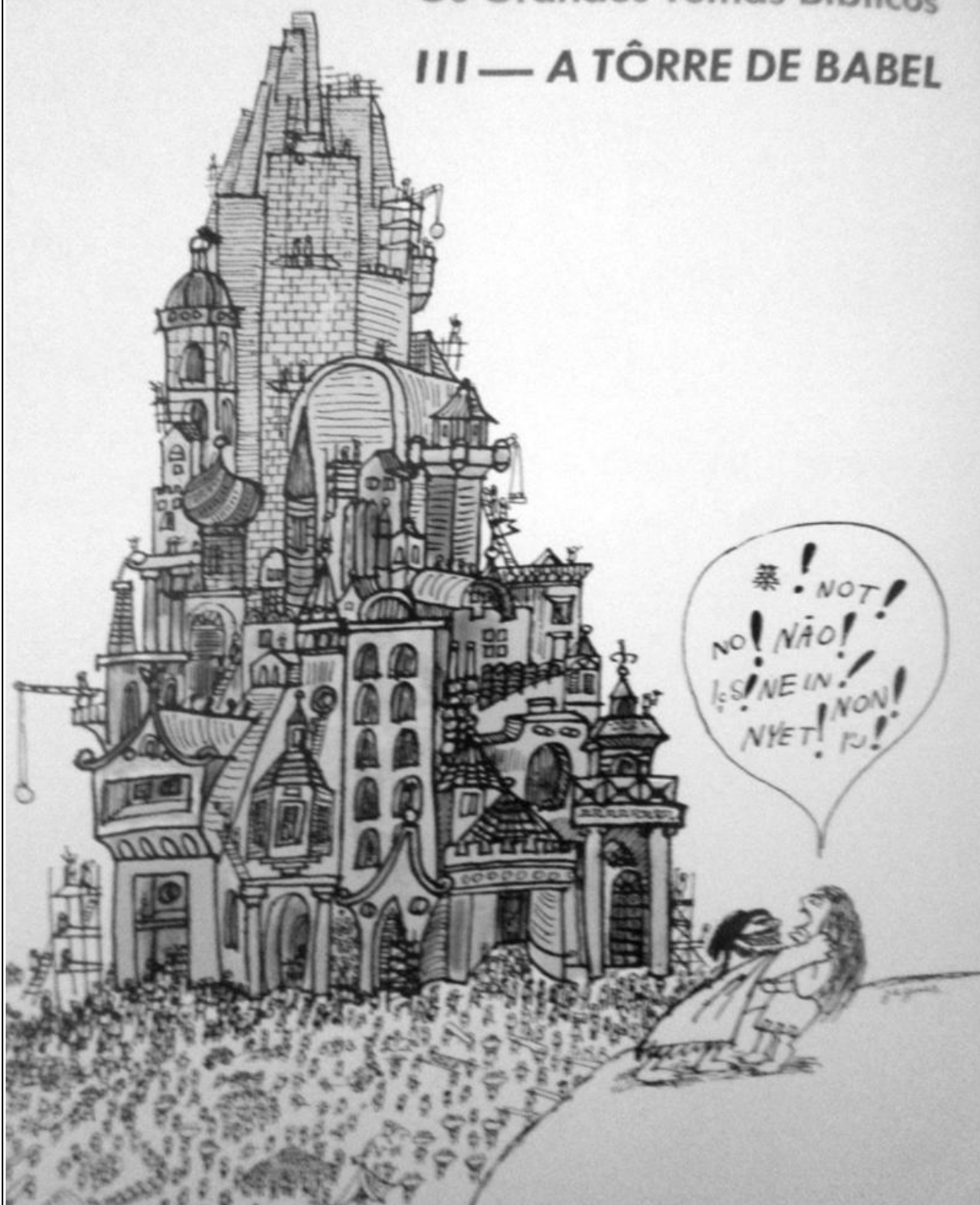



Figura 11 Fonte: Pif-Paf Edição número 7 do cartunista Jaguar crítica aos costumes.

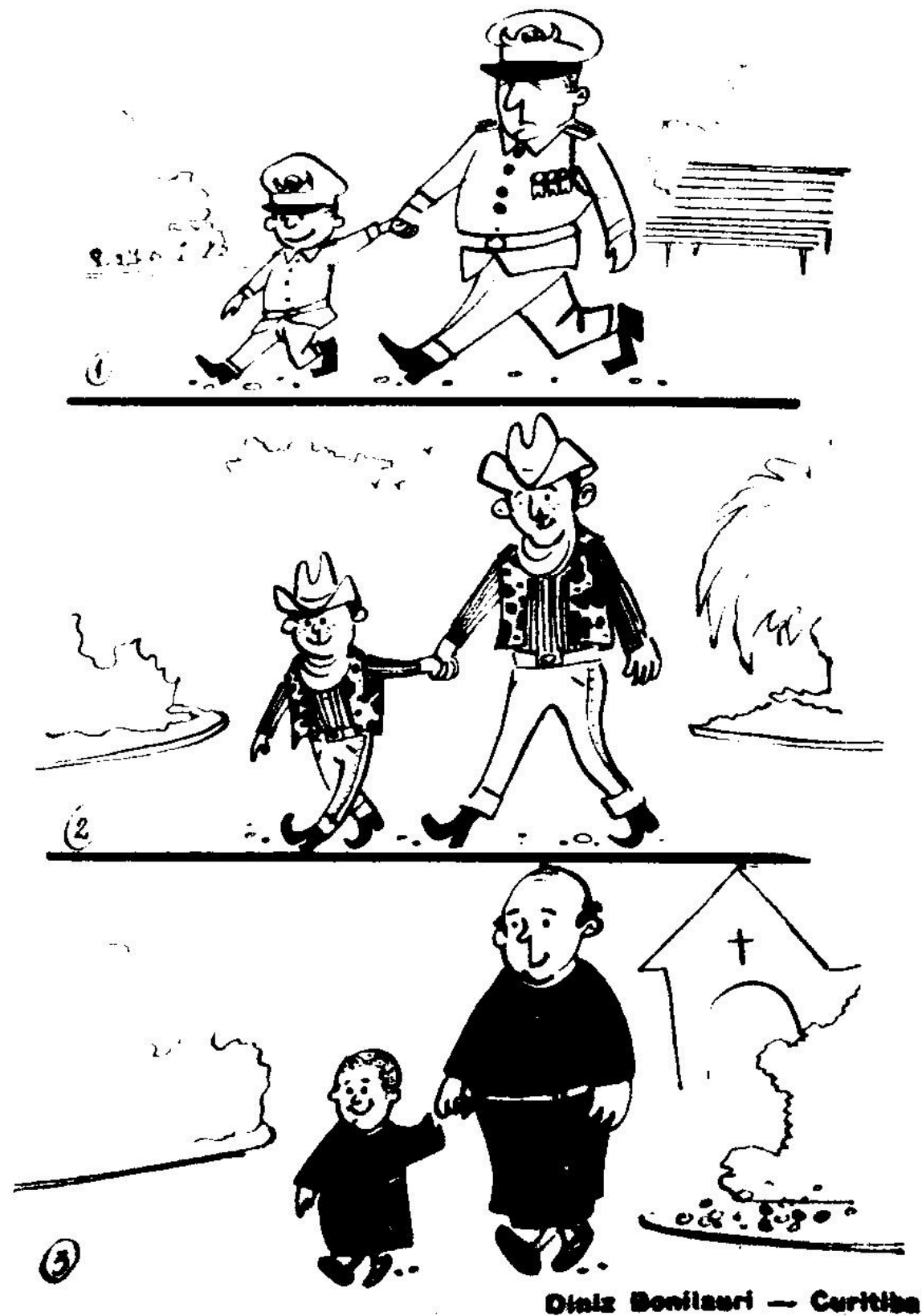



Figura 12 Fonte: Pif-Paf Edição número 8 do cartunista Dinis que denuncia as contradições dos valores morais impostas pela sociedade e assegurados pelo regime militar.

Não se sabe ao certo quais as consequências do contato do solo da Lua com o organismo humano

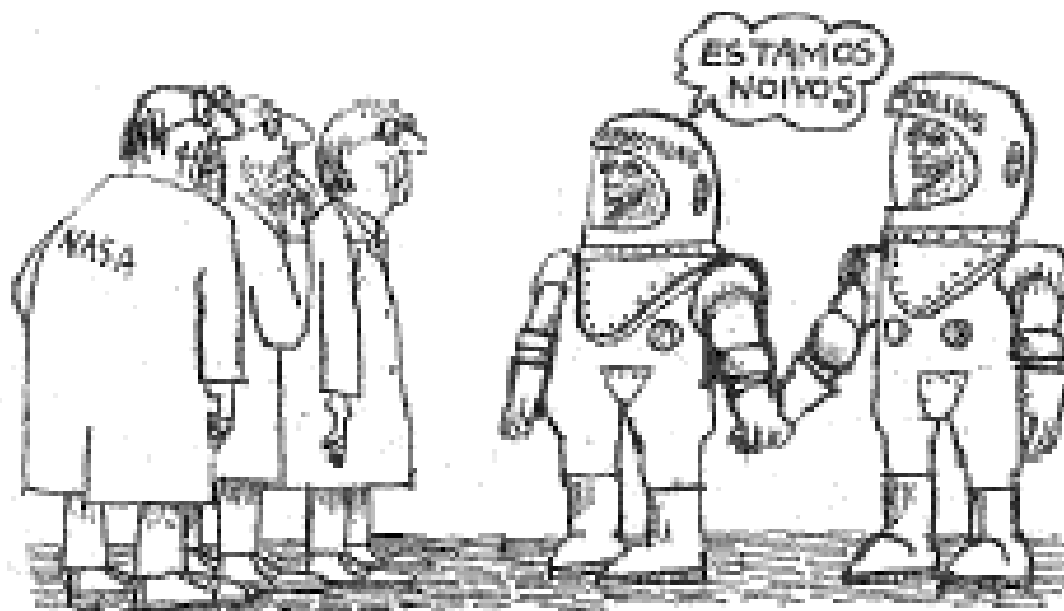



Figura 13 Fonte: Pasquim Edição número 4 do cartunista Jaguar. Em 1969 o homem vai a Lua e o cartunista provoca os conservadores

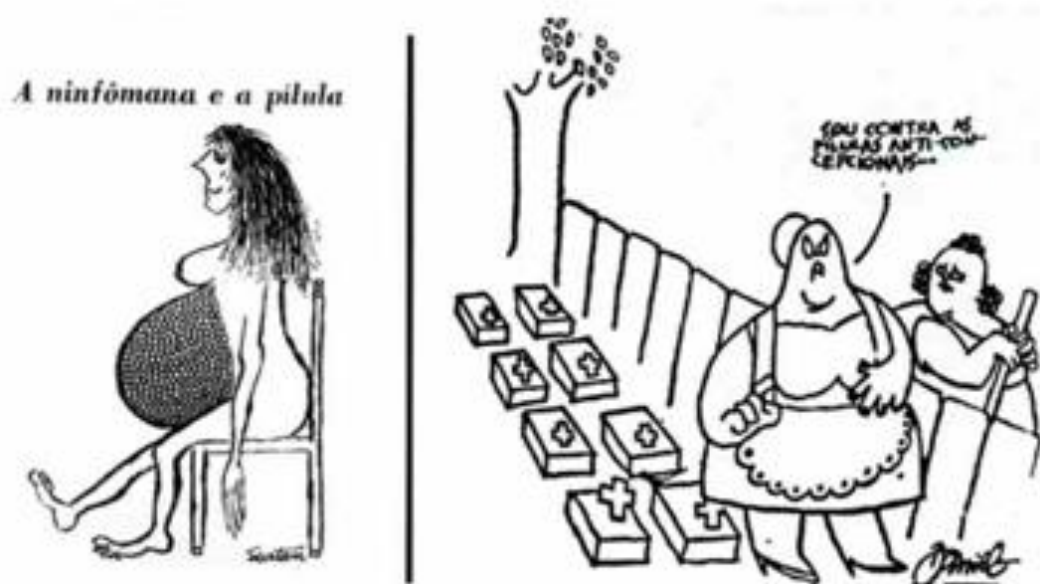



Figura 14 Fonte: Pasquim Edição número 7 dos cartunistas Surtan e Daniel que mostram as contradições dos valores de quem era contra os métodos contraceptivos.

Figura 15 Fonte: Pasquim Edição número 6 do cartunista Henfil. O cartunista lança os personagens "Os Fradinhos" no Pasquim e os usa para romper com as palavras puritanas e criticar a burguesia moralista representada pelo personagem "Comprido" e quem representa os subversivos é o personagem "Baixinho".

Figura 16 Fonte: Pasquim Edição número 20 do cartunista Ziraldo, faz uma paródia e caricatura dos heróis americanos e começa a criar o Pôster dos Pobres com personagens os Zeróis descaracterizando os heróis americanos, uma crítica ao fenômeno da indústria cultural norte americana.

Figura 17 Fonte: Pasquim Edição número 25 do cartunista Ziraldo (primeira parte)

Figura 18 Fonte: Pasquim Edição número 25 do cartunista Ziraldo, para reforçar as palavras do redator Rubem Fonseca que "Palavrão não é Pornografia" o cartunista cria outros predicados para substituir os palavrões como "mifo" e "sifo".

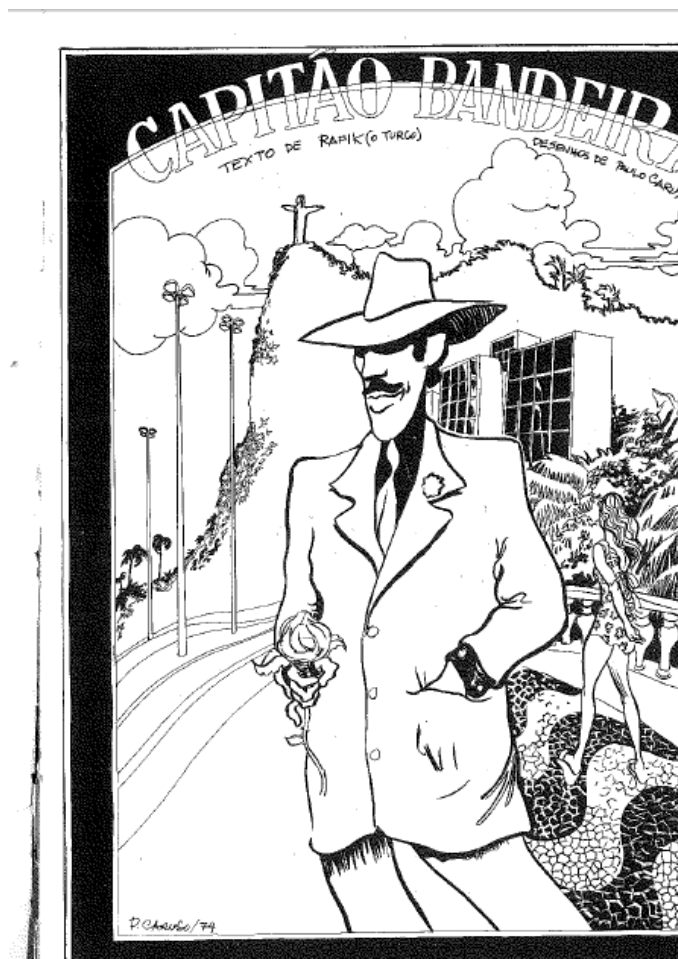



Figura 19 Fonte: O Balão última Edição número 9 do cartunista Paulo Caruso. Contra a dominação estrangeira no mercado dos cartuns, uma geração de cartunistas estudantes da Escola de Comunicação e Artes da USP (ECA): Laerte, os irmãos Caruso, Jota, Luís Ge e Alcy, criam a revista O Balão para abordar temas adultos e nacionais como futebol.

Figura 20 Fonte: O Balão última Edição número 9 do cartunista Paulo Santos. Cria o personagem cangaceiro Capitão Sidurino, a revista criada no universo universitário explora vários conflitos entres as lutas de classes.

Figura 21 Fonte: Pasquim Edição número 105 do cartunista Ziraldo, satirizando os paulistanos.

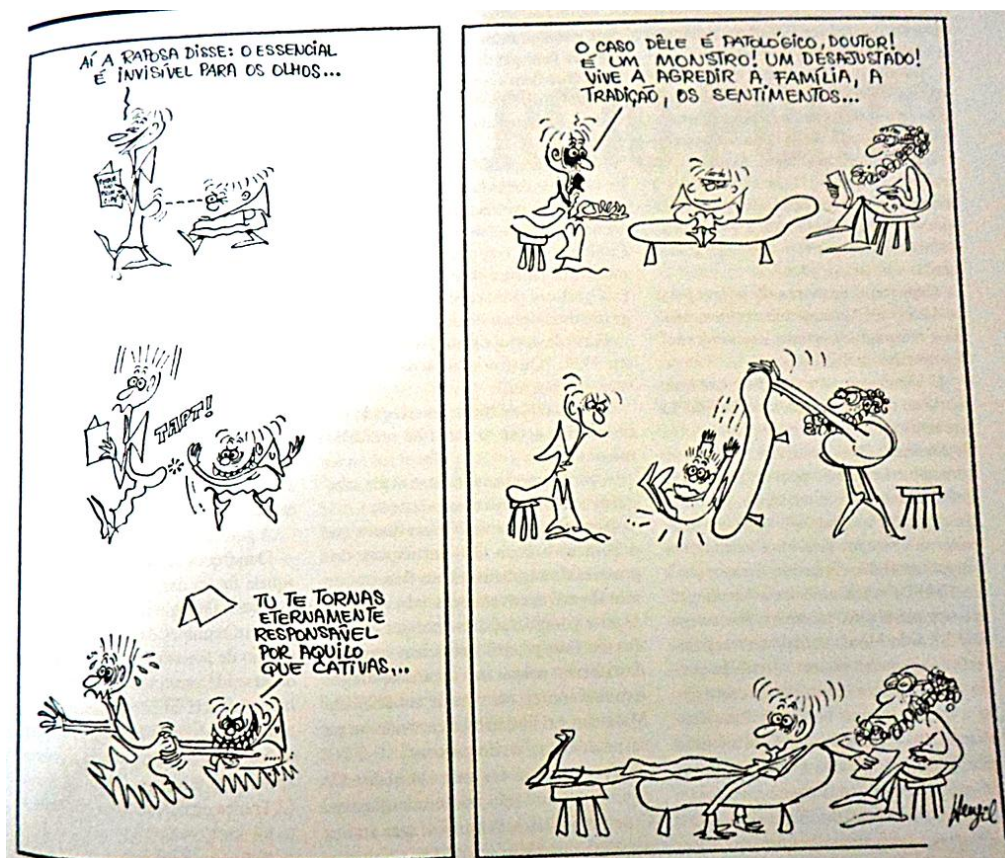



Figura 22 Fonte: Pasquim Edição número 117 do cartunista Henfil, vemos aqui presente à crítica aos costumes ao expor que a burguesia conservadora e moralista é quem precisa de tratamento psicológico.

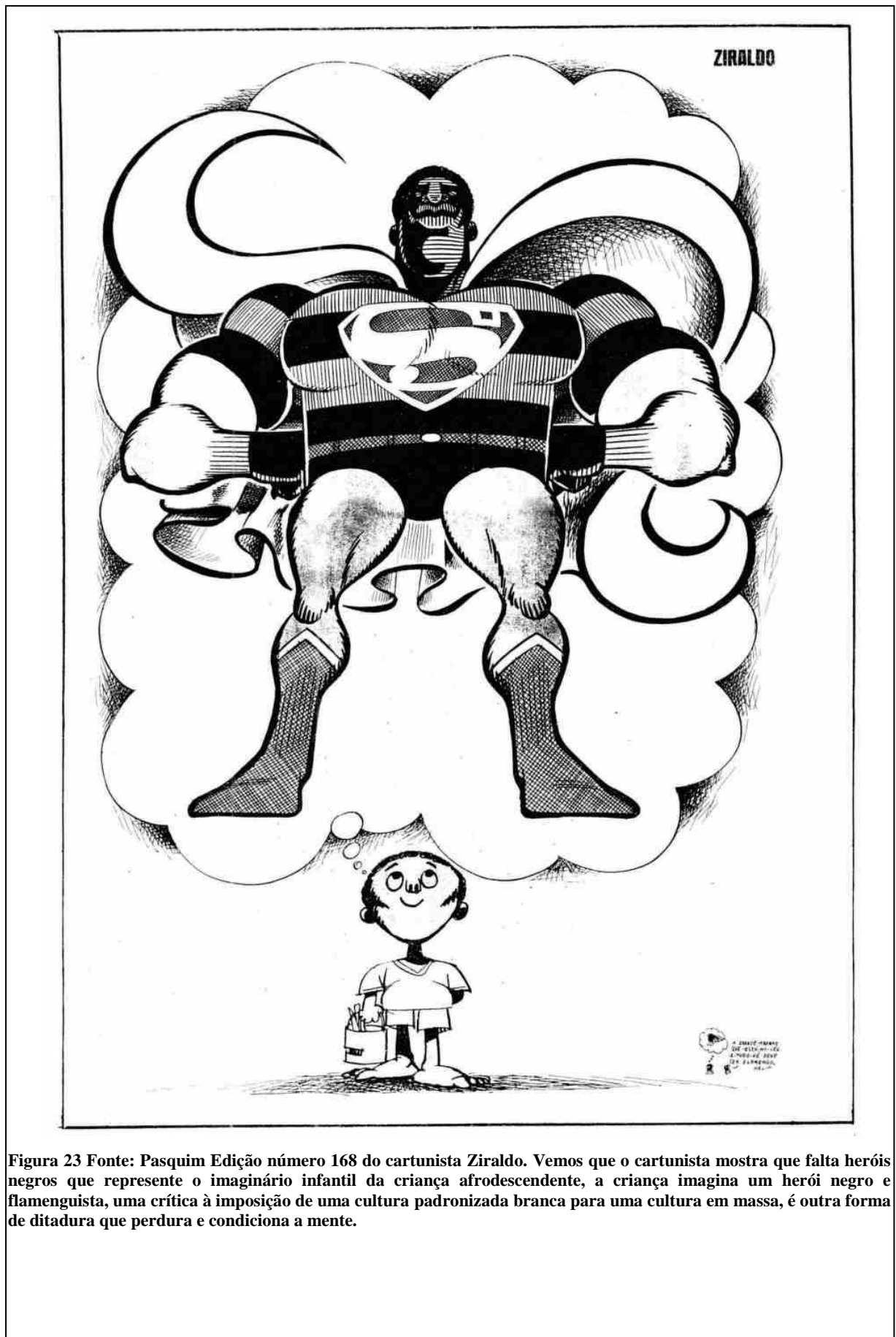



Figura 23 Fonte: Pasquim Edição número 168 do cartunista Ziraldo. Vemos que o cartunista mostra que falta heróis negros que represente o imaginário infantil da criança afrodescendente, a criança imagina um herói negro e flamenguista, uma crítica à imposição de uma cultura padronizada branca para uma cultura em massa, é outra forma de ditadura que perdura e condiciona a mente.

3.2 Consolidação da ditadura:

Kucinski explica que o “AI-5 sinaliza as elites dominantes a etapa de consolidação da ditadura”, mas a consciência coletiva, o divisor do tempo é simbolizado pela morte de Carlos Marighella em 1969:

> "Com o esgotamento das lutas abertas e clandestinas contra o regime, simbolizado pela morte de Carlos Marighella em 1969, começou a ser erigido o universo simbólico pós-1964 em que a classe operária e intelectuais se tornaram iguais na condição de vencidos, nas palavras de Edgar de Decca. Formou-se a consciência coletiva do golpe, como marco histórico, como divisor do tempo"(KUCINSKI: 2001; 45).

Neste período de consolidação da ditadura, o elemento presente nos trabalhos dos ilustradores são os cartuns, além disso, vemos também a criação de vários personagens usados nas tiras para a construção de pensamentos e desenvolver críticas no leitor. Durante a incursão no período de consolidação da ditadura temos a criação de personagens marcantes típicos do nordeste desenvolvidos por Henfil como o Zeferino que é um cangaceiro com espírito de luta, que é contra as estruturas e sobrevive à natureza da caatinga, a seca e a fome, é um convite ao enfretamento, temos também o personagem do Bode Orelana que é um intelectual que “come” os livros, mas pouco agia na ditadura, o pássaro a Graúna que é desenhada com um ponto de exclamação que delineia o formato do seu corpo mostrando a síntese dos grandes problemas e tem a onça anarquista guerrilheira Glorinha do COLIQUANA – Comitê de Libertação do Quadrinho Nacional, seu objetivo era caçar o “agente imperialista” Mickey do Walt Disney, mas que come a Graúna por engano pensando que ela era o Mickey, era uma crítica de atuação que esses grupos de ilustradores tinham.

Temos também neste período a criação do Cemitério do Cabocô Mamador porque neste período surgia o enfretamento contra a ditadura e como ilustrador intolerante, Henfil enterrava celebridades que não tinham o mesmo engajamento político que ele tinha. Além disso, temos a criação de Rango do ilustrador Edgar Vasques, o personagem é um morador de rua que mora na lata do lixo, todo cenário e os outros personagens que o ilustrador cria, são desenvolvidos para contrastar o discurso oficial com a realidade social:

CONSOLIDAÇÃO DA DITADURA

Figura 24 Fonte: Pif-Paf Edição número 1 cartum de Millôr. O cartunista desenha a estátua da liberdade de forma caricata na edição número 3 explica que a cabeça da estátua é grande para mostrar que no lugar do cérebro tem um enorme espaço vazio. No lugar das folhas de louro, pontas de lança para defesa antiaérea. O monumento onde fica a estátua custou mais que o Fundo Monetário Internacional que calcula o preço da nossa liberdade. No lugar da lei mosaica, o título do livro de Hitler "Minha luta". No lugar da tocha, algo mais moderno como a lâmpada para iluminar o nosso caminho.

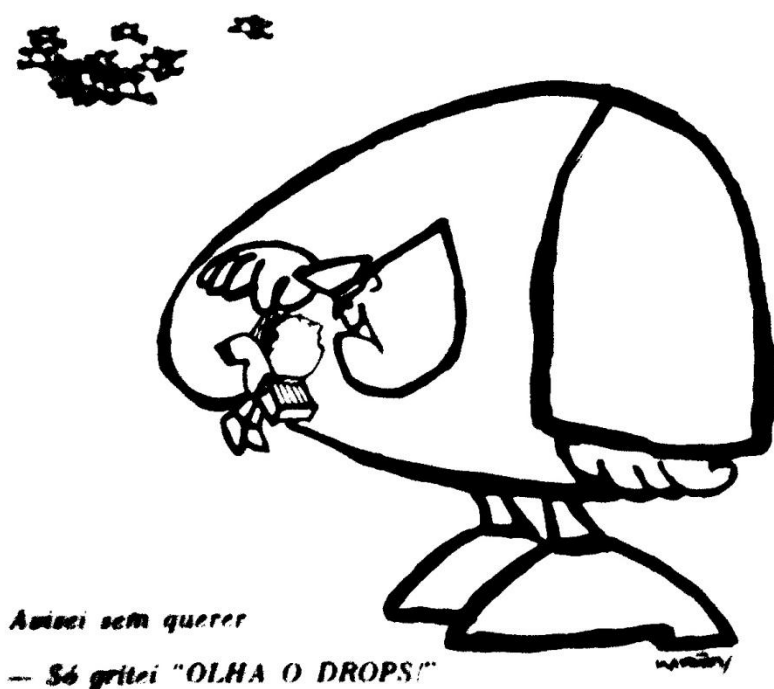



Figura 25 Fonte: Pif-Paf Edição número 1 cartum de Claudius. Sem fazer menção direta ao DEOPS ou DOPS órgão criado para reprimir manifestações contra o governo, sequestrava, prendia, torturava e matava civis de forma arbitrária.

Figura 26 Fonte: Pif-Paf Edição número 1 cartum de Millôr, procura explicar ao leitor o que é a democracia naquele momento, detalhe para o último cartum do lado direito sobre o que é o congresso, o cartunista explica que o Congresso não é uma guerrilha, deseja o regresso mais que o recesso e o progresso.

Figura 27 Fonte: Pif-Paf Edição número 2 cartum de Ziraldo. Na edição número 3 em resposta a carta de uma leitora o redator explica que o "Jogo da Democracia não pode ser jogado neste país. A gente vai e volta e não sai do lugar. Tente o Jogo do Amor".

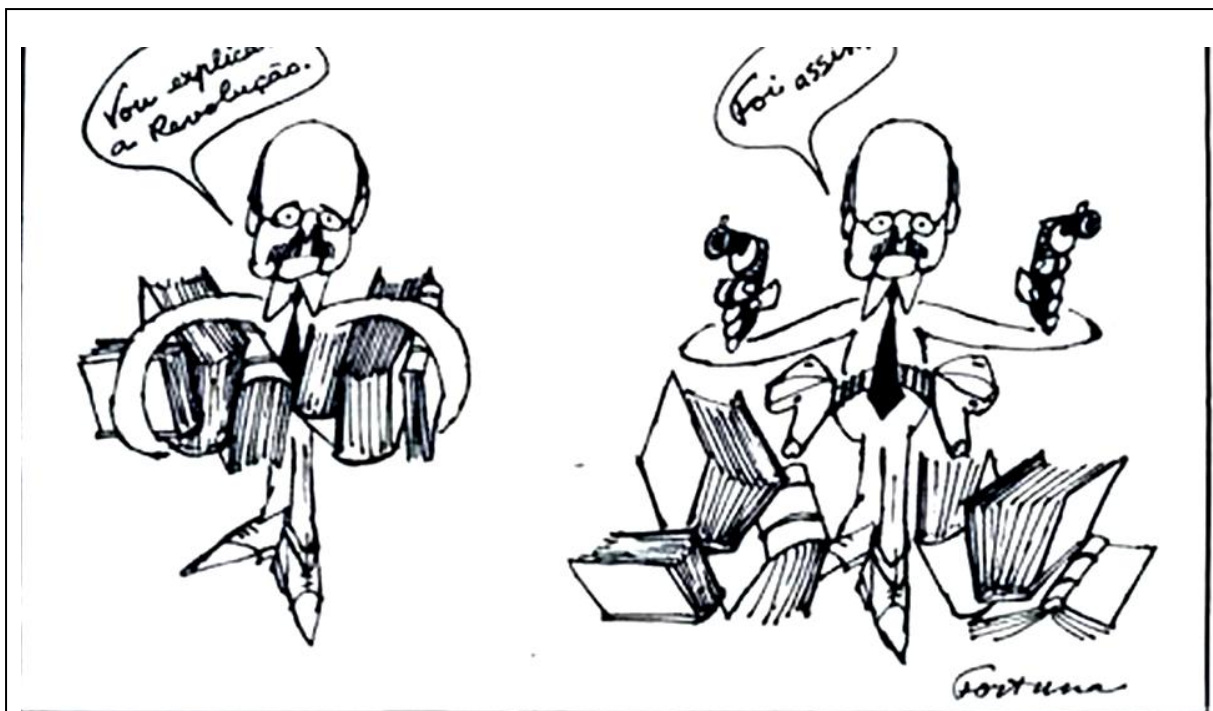



Figura 28 Fonte: Pif-Paf Edição número 3 cartum de Fortuna. O cartunista procurou retratar um professor que explica o que chamavam de revolução o golpe de 1964.

Figura 29 Fonte: Pif-Paf Edição número 3 cartum de Millôr. A comissão da verdade revela que houve 24 lugares de tortura só em Minas Gerais, desta forma o cartum de Millôr revela o cenário daquele contexto.

Figura 30 Fonte: Pif-Paf Edição número 4 cartum de Fortuna. O cartunista denuncia os atos dos militares.

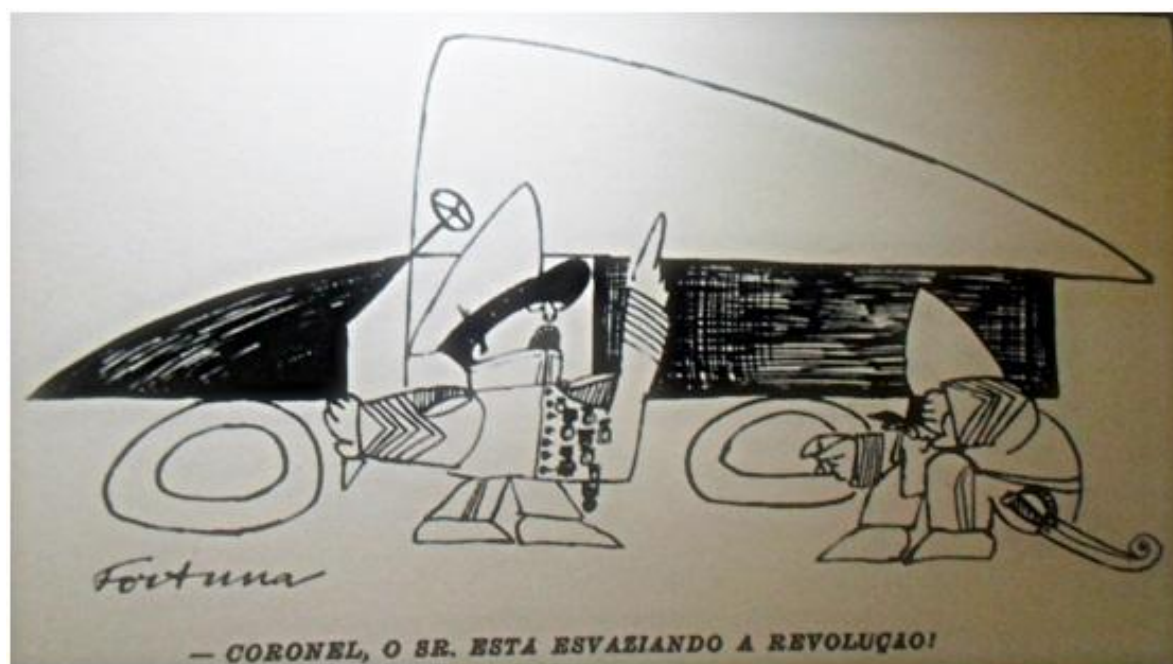



Figura 31 Fonte: Pif-Paf Edição número 5 do cartunista Fortuna criticando o retrocesso da democracia.

Figura 32 Fonte: Pif-Paf Edição número 6 do cartunista Fortuna que critica a extensão do poder dos militares no governo.

CARTILHA PARA O POVO

Ungida pelo clero, sancionada pelo govêrno e devidamente apreendida pela polícia.

ISTO É UM GOVERNADOR

UM GOVERNADOR NÃO É UM PRESIDENTE. UM GOVERNADOR QUER SER PRESIDENTE. O QUE É QUE FAZ O GOVERNADOR? GOVERNA? NÃO. UM GOVERNADOR COMBATE O PRESIDENTE. POR ISSO É ERRADO CHAMAR O GOVERNADOR DE GOVERNADOR. O GOVERNADOR DEVE SER CHAMADO DE COMBATENTE.

ISTO É A NOSSA BANDEIRA

A NOSSA BANDEIRA NÃO É UMA BANDEIRA ESTRANGEIRA. TEM UMA FRASE POSITIVISTA E TERMINA COM A PALAVRA ESSO MAS ISSO É SÓ COINCIDÊNCIA. O AMARELO REPRESENTA O NOSSO OURO, O AZUL REPRESENTA A NOSSA ABÓBADA CELESTE E O VERDE REPRESENTA A NOSSA MÁ IMPRESSÃO.

ISTO É O PALÁCIO ALVORADA

O PALÁCIO ALVORADA É ONDE ÊLES DEPÕEM O PRESIDENTE. É UM PALÁCIO MUITO BONITO COM MUITO VIDRO PLANO DO DR. SEBASTIÃO PAIS DE ALMEIDA. LÁ LONGE APARECE O SOL E O CONGRESSO. O SOL ESTÁ ALI PARA ALVORADA, E O CONGRESSO? ESTÁ ALI PRA NADA, COMO SEMPRE. TÔDA HORA, NO PALÁCIO, TEM UM TOQUE DE ALVORADA.

ISTO É UM MEMBRO DO PTB

O PTB É O PSD DA NOVA GERAÇÃO. O QUE É QUE ESTÁ FAZENDO O MEMBRO DO PTB COM O DEDO LEVANTADO? ESTÁ ESPERANDO UMA OPORTUNIDADE DE FAZER ALGO PELO POVO. POR QUE TODOS OS MEMBROS DO PTB ESTÃO ARMADOS E USAM COSTELETA? É PARA SE DEFENDEREM DOS MEMBROS DA UDN.

ISTO É UMA URNA ELEITORAL

A URNA ELEITORAL É ONDE SE PÕE O VOTODOPOVO. O VOTODOPOVO É PARA ELEGER O SEU PRESIDENTE. O SEU PRESIDENTE SÓ PODE GOVERNAR COM O VOTODOPOVO. LÁ NO CANTO UM ANALFABETO VAI BOTAR SEU VOTO NA URNA. O VOTO DO ANALFABETO É UM ANIMALZINHO. SE TODOS OS ANALFABETOS VOTAREM UNIDOS PODERÃO ELEGER UM ANIMALZÃO.

Figura 33 Fonte: Pif-Paf Edição número 7 do cartunista Millôr que novamente procura criar uma paródia do governo mostrando de forma humorística a repressão do governo militar.

Figura 34 Fonte: Pif-Paf Edição número 7 do cartunista Fortuna que mostra o retrocesso da democracia.

CONCURSO MISS ALVORADA

Briga e reconciliação da detentora do título com a principal candidata

Nosso concurso exclusivo, sugerido inicialmente por Carlos Kubitschek de Oliveira, continua cada vez mais sensacional. Apresentamos hoje a cena, por todos os títulos lamentável, tomada na ocasião em que a senhorita Castelinho, detentora atual do cobiçado pôsto de Miss Alvorada, investia a dentadas contra a repreensível candidata Miss Carlota Corwina. Realmente Carlota se excedeu nas críticas à ocupante do cargo, apesar de anteriormente tanto tê-la ajudado na posse. O seu grito de que o concurso havia michado ecoou amargamente aos ouvidos de Miss Castelinho que não resistiu e agrediu-a na presença de inúmeras testemunhas.

Nesta outra cena vê-se, porém, que as brigas entre amigas antigas e verdadeiras não duram muito. Aproximadas pelos próprios interêsses do concurso Castelinho e Carlota logo voltaram às boas, aceitando fumar o cachimbo da paz, ou melhor, beber o drinque da reconciliação, o que fizeram — como se vê na foto — nos esplêndidos jardins tropicais do Alvorada. Note-se a sadia e já completamente desanuviada expressão de Miss Carlotinha em contraste com a cara ainda turva e contrafeita de Miss Carlota Corwina. A última declarou, posteriormente, que não deseja continuar suas críticas a Castelinho. Mas que o concurso michou, michou.

Se você lê estas notas em corpo 5, por que não anunciar em nossas páginas, pelo menos em corpo 8

Figura 35 Fonte: Pif-Paf Edição número 8 do cartunista Millôr, essa é uma fotomontagem de um concurso à presidência da República criado por Millôr, o cartunista simula uma briga de miss entre Castelo Branco com o título de Miss Alvorada e apelidado de Castelinho e sua rival Carlota que representa Carlos Lacerda.

ADVERTÊNCIA!

QUEM AVISA, AMIGO É: SE O GOVÊRNO CONTINUAR DEIXANDO QUE CERTOS JORNALISTAS FALEM EM ELEIÇÕES; SE O GOVÊRNO CONTINUAR DEIXANDO QUE DETERMINADOS JORNAIS FAÇAM RESTRIÇÕES À SUA POLÍTICA FINANCEIRA; SE O GOVÊRNO CONTINUAR DEIXANDO QUE ALGUNS POLÍTICOS TEIMEM EM MANTER SUAS CANDIDATURAS; SE O GOVÊRNO CONTINUAR DEIXANDO QUE ALGUMAS PESSOAS PENSEM POR SUA PRÓPRIA CABEÇA; E, SOBRETUDO, SE O GOVÊRNO CONTINUAR DEIXANDO QUE CIRCULE ESTA REVISTA, COM TÔDA SUA IRREVERÊNCIA E CRÍTICA, DENTRO EM BREVE ESTAREMOS CAINDO NUMA DEMOCRACIA.

Figura 36 Fonte: Pif-Paf Edição número 8 do cartunista Millôr. Provocação do cartunista resulta no fim do tabloide pela censura da época.

Figura 37 Fonte: Pasquim Edição número 46 do cartunista Millôr satirizando a censura

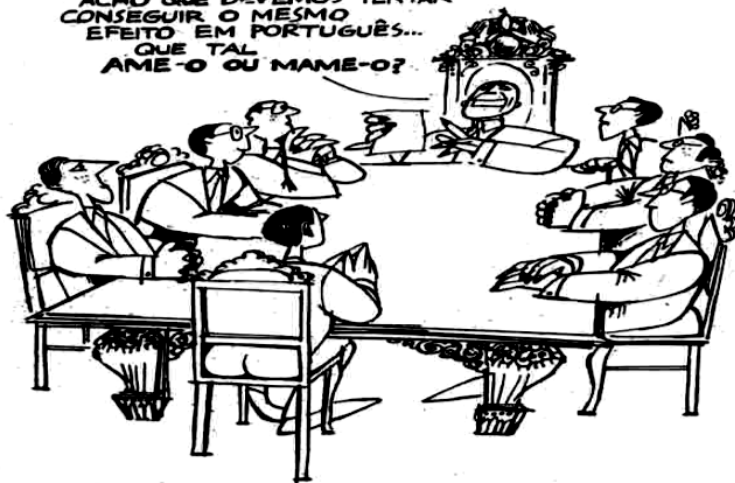



Figura 38 Fonte: Pasquim Edição número 57 do cartunista Ziraldo (primeira parte)

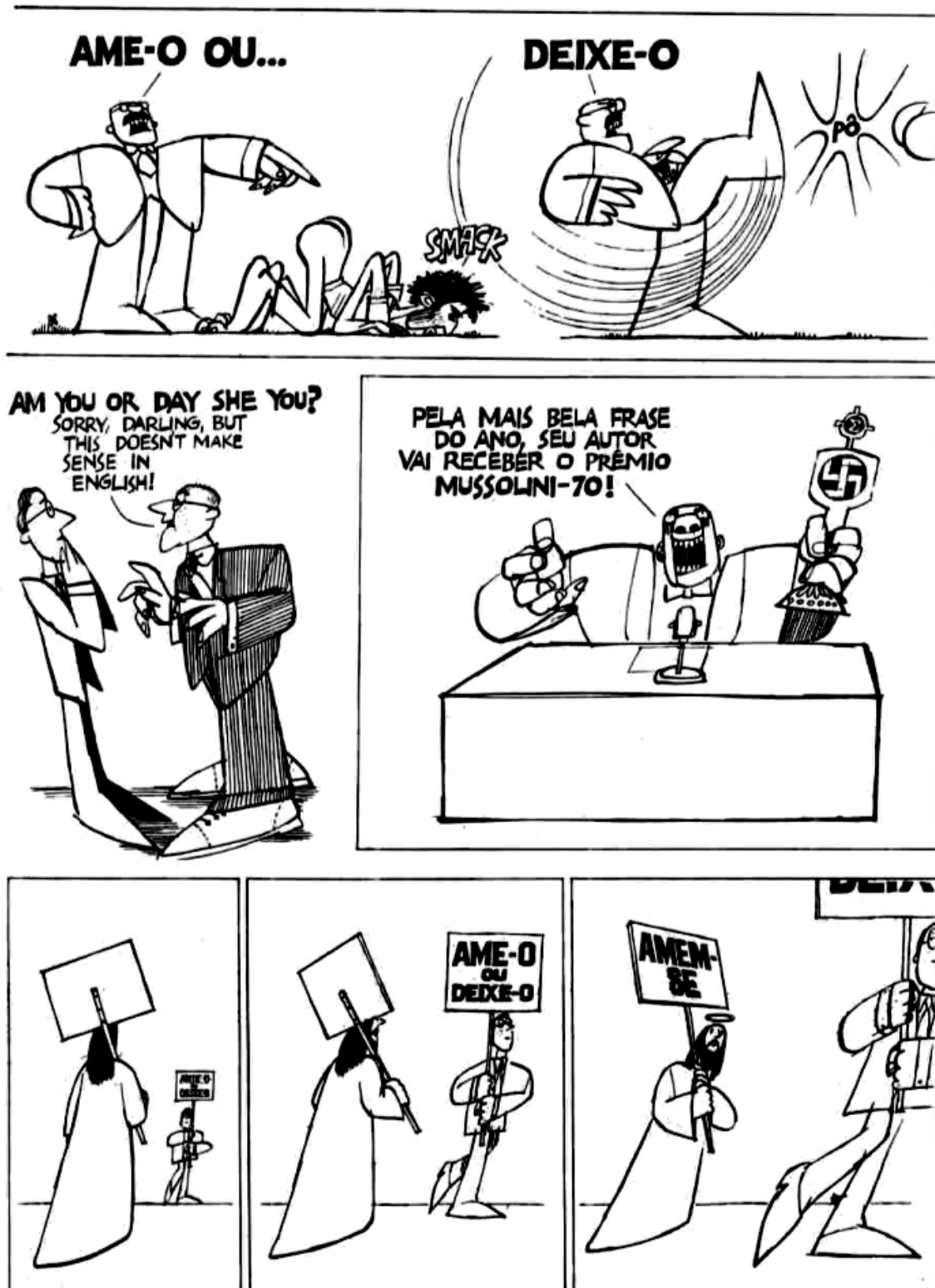



Figura 39 Fonte: Pasquim Edição número 57 do cartunista Ziraldo (segunda parte). Sátira a campanha ideológica do governo que promove o slogan do governo Médici Brasil Ame–o ou Deixe-o, denunciando uma ideologia fascista. A charge relaciona o autoritarismo com o nacionalismo e o apoio de diversos segmentos sociais.

Figura 40 Fonte: Pasquim Edição número 60 do cartunista Jaguar. O Brasil ganhava o terceiro título na Copa do Mundo no México e a população brasileira ficou tomada pelo ufanismo muito usado pela ditadura para esquecer dos marginalizados, dos pobres, da falta de educação, a melodia: "Noventa milhões em ação, pra frente Brasil do meu coração. De repente é aquela corrente pra frente, parece que todo o Brasil deu a mão. Todos unidos na mesma emoção, tudo é um só coração. Todos juntos vamos, pra frente Brasil, salve a seleção".

jaguar

AVANTE SELEÇÃO

jaguar

"E agora José?
A festa acabou,
A luz apagou,
O povo sumiu,
A noite esfriou,
E agora, José?"

Carlos Drummond de Andrade

Figura 41 Fonte: Pasquim Edição número 60 do cartunista Jaguar, a vitória da seleção brasileira na Copa do Mundo no México, foi usada como distração do governo sob o slogan "Avante Seleção" é um imaginário coletivo à base de entretenimento contra o concreto da realidade brasileira: a seca, a pobreza e o abandono. Ademais, a charge faz lembrar a obra da arte "Retirantes" de Cândido Portinari.

Figura 42 Fonte: Pasquim Edição número 69 do cartunista Jaguar. A censura usa a montagem do quadro de Pedro Américo considerada desrespeitosa, para realizar a prisão de 11 cartunistas, Ziraldo explica que a ditadura primeiro prendia depois inventava um motivo.

Figura 43 Fonte: Pasquim Edição número 74 do cartunista Fernando Sabino, o cartum mostra que o Pasquim continuou funcionando com a ajuda de outros colaboradores como Chico Buarque, Rubem Fonseca, Odete Lara e Glauber Rocha.

Pessoal

Cheguei da Itália. Passei aqui na volta do Galeão
e não encontrei ninguém. Estranho, tratando-se duma
rede [illegible] como é a redação d'O PASQUIM.
De qualquer forma, [illegible] recebam este recado co-
mo um pedido de desculpas pela minha inatividade enquanto
correspondente em Roma. Aproveito para deixar também
êste esbôço de cartum que é para a Martha Alencar dar
um jeito e as pessoas entenderem. É a única coisa que fiz
durante êsses 3 meses de ausência. Não é grande coisa. Aliás,
[illegible] não precisa publicar. É assim — o título pode ser
BAR FECHANDO ou ANTONIO'S ÀS 3:45, não importa, não tem
nada a ver com nada — é assim: cadeiras viradas, mesas e
o garçom virado também

Reconheço que não é grande coisa. Não é nenhum Millôr, [illegible]
[illegible]. Enfim, queria dizer que estou bem de
saúde e que gravei um disco na Itália. E queria abraçar
vocês mas não tinha ninguém aqui. Deve ser por causa
da gripe. Ninguém segura essa gripe. Assim mesmo,
estimo melhoras. Um abraço

← SIG

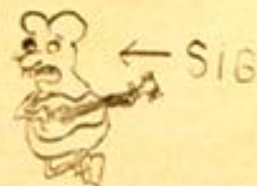



Figura 44 Fonte: Centro de Cultura e Memória do Jornalismo: http://www.ccmj.org.br/acervo/conteudo/periodicos?page=9. Carta de Chico Buarque de Holanda a turma do Pasquim no período em que estavam presos, para colaborar Chico desenha um cartum e escreve: "Pessoal, Cheguei da Itália. Passei aqui na volta do Galeão e não encontrei ninguém. Estranho, tratando-se duma rede como é a redação d'O Pasquim. De qualquer forma, recebam este recado como um pedido de desculpas pela minha inatividade enquanto correspondente em Roma. Aproveito para deixar também este esboço de cartum que é para a Martha Alencar dar um jeito e as pessoas entenderem. É a única coisa que fiz durante esses 3 meses de ausência. É assim o título pode ser Bar Fechando ou Antonio's às 45, não importa, não tem nada a ver com nada, é assim: cadeiras viradas assim e garçom virado também. Reconheço que não é grande coisa. Não é nenhum Millôr. Enfim, queria dizer que estou bem de saúde e que gravei um disco na Itália. E queria abraçar vocês, mas não tinha ninguém aqui. Deve ser por causa da gripe. Assim mesmo, estimo melhoras. Um abraço". Chico refere-se a prisão da turma do Pasquim de "gripe".

JAGUAR

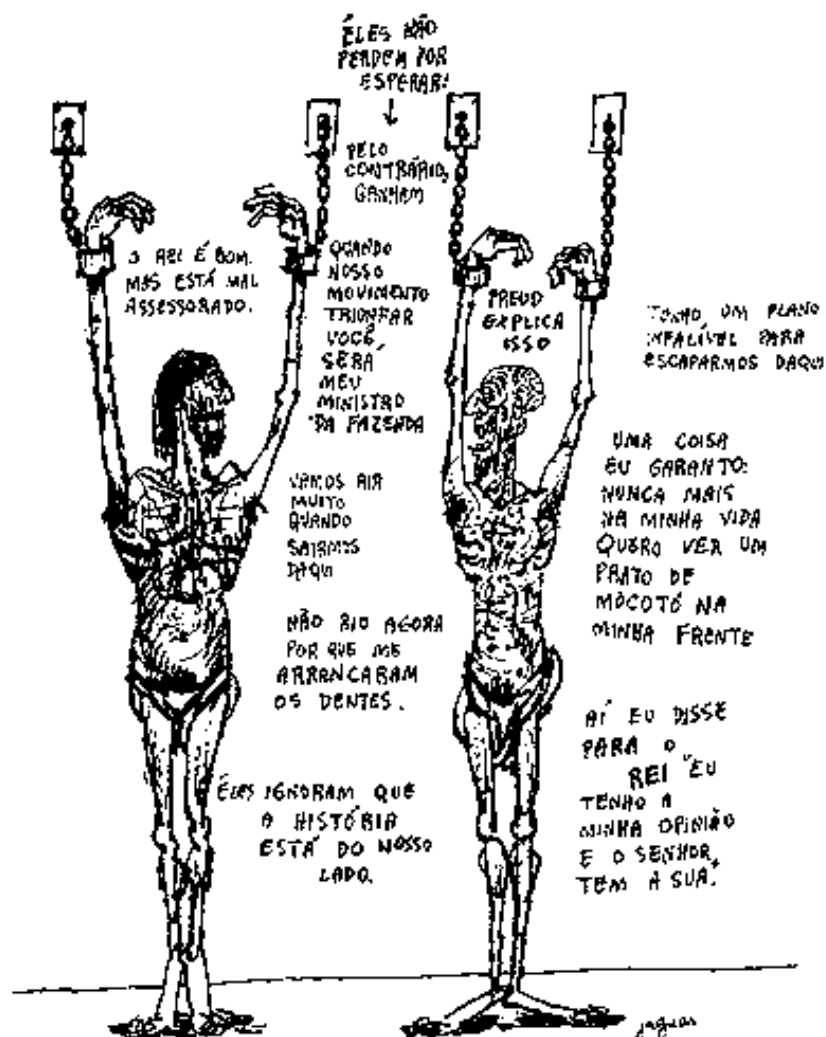



Figura 45 Fonte: Pasquim Edição número 81 do cartunista Jaguar, ele satiriza a prisão dele e dos demais cartunistas ao escrever "uma coisa eu garanto eu nunca mais na minha vida eu quero ver um prato de mocotó na minha frente".

Figura 46 Pasquim Edição número 96 do cartunista Jaguar, denúncia de tortura e desaparecimentos.

208 O PASQUIM

Ahh... mas, às vezes, as palavras e as frases já vêm feitas

Figura 47 Fonte: Pasquim Edição número 99 do cartunista Ziraldo, através do cartum desmonta a frase ideológica popular "Você tá é chorando de barriga cheia!" que é usada para justificar ou minimizar os problemas sociais.

O PASQUIM 271

Figura 48 Fonte: Pasquim Edição número 118 do cartunista Henfil, a tira de forma caricatural revela que comportamentos do jogador Pelé demonstram que renega a sua origem afrodescendente e seu desejo de ser branco. O personagem criado é o Tamanduá que depois será substituído pelo Cabôco Mamadô que enterrará celebridades que apoiam o regime civil-militar.

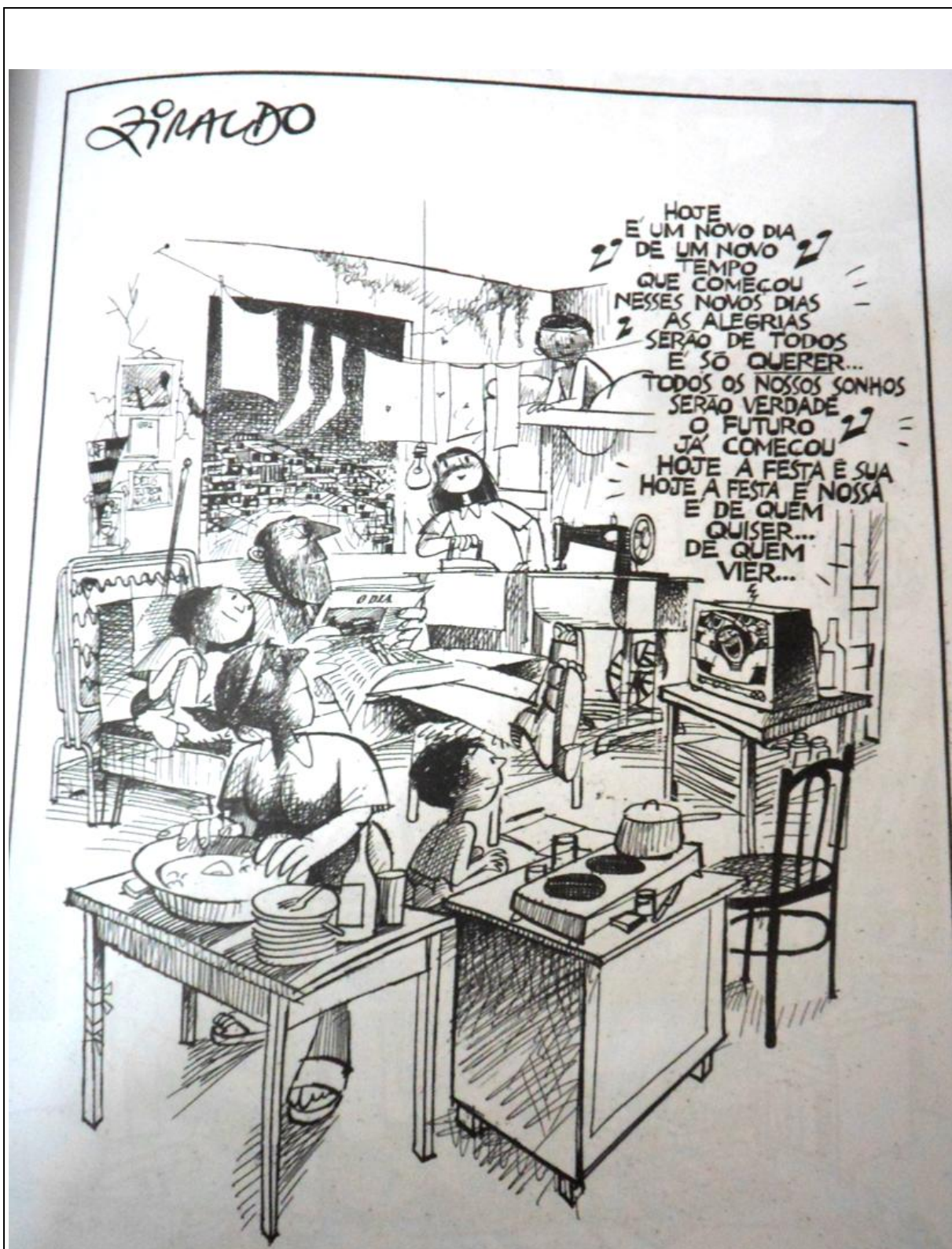



Figura 49 Fonte: Pasquim Edição número 131 do cartunista Ziraldo, crítica a música de final de ano novo da Globo e enfatiza a frase "é só querer" ao grifar sutilmente a palavra "querer", em contraste com a realidade de muitas famílias brasileiras pobres que não estão nesta situação ilustrada por <u>opção</u>.

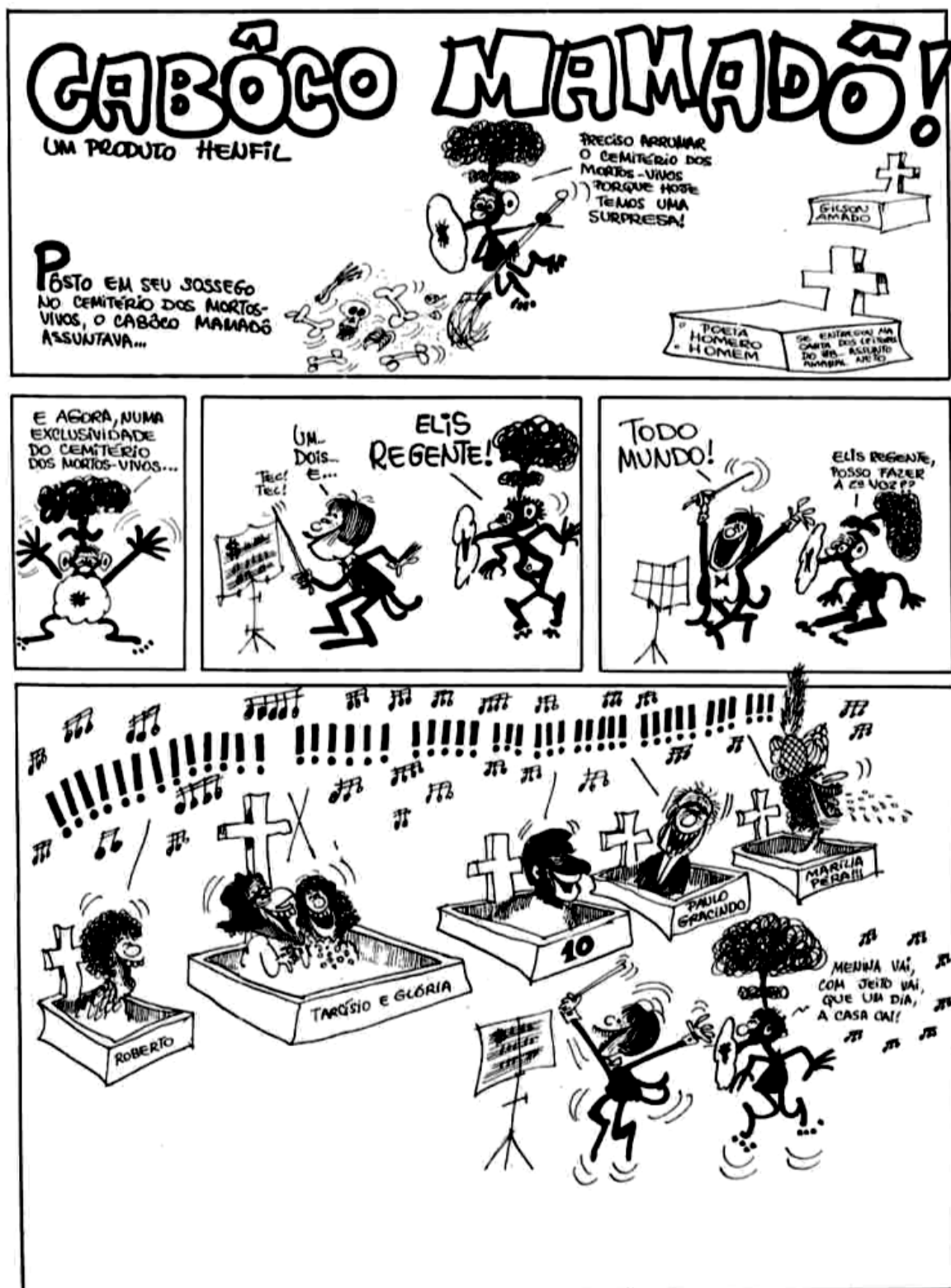



Figura 50 Fonte: Pasquim Edição número 147 do cartunista Henfil. Em 1972 houve um show de abertura da III Olimpíada do Exército e a Elis Regina cantou juntamente com as celebridades mencionadas na charge Roberto Carlos, Tarcísio Meira, Glória Menezes, Pelé, Paulo Gracindo e Marília Pêra. O personagem "Cabôco Mamadô" representa o próprio cartunista Henfil que reage indignado, denunciando que a ditadura não estava sendo representada somente pelos militares, mas por diversos setores da sociedade, entre esses os artistas.

Figura 51 Fonte: Pasquim Edição número 155 do cartunista Henfil que continua denunciando artista como a Hebe Camargo, mas um detalhe é que no lado inferior direito vemos um personagem escrito "você" mostrando que de alguma forma silenciosa ou não em nível pessoal há o apoio à ditadura, Henfil transfere a responsabilidade à sociedade em outras charges o ilustrador também denuncia profissões que não agem de forma ética.

Figura 52 Fonte: Pasquim Edição número 159 do cartunista Jaguar. Essa charge acompanha a matéria de Newton Carlos que expõe que os Estados Unidos sacrifica os negros nas guerras.

Figura 53 Fonte: Pasquim Edição número 165 do cartunista Ziraldo, A charge mostra as principais marcas de comunicação em massa e que influenciam a economia aqui no Brasil, uma crítica à política econômica adotada pelo regime civil-militar.

Figura 54 Fonte: Pasquim Edição número 168 do cartunista Jaguar. O dia 05 de setembro de 1972 ficou conhecido como a Tragédia de Munique, quando oito palestinos do grupo terrorista Setembro Negro matou treze atletas israelenses.

Figura 55 Fonte: Pasquim Edição número 168 do cartunista Claudius. Enquanto a atenção das pessoas está no entretenimento o cartunista desvia atenção para a realidade brasileira.

Figura 56 Fonte: Reprodução da TV Globo do dia 01/11/1972. Em setembro de 1972 o governo havia também criado um Slogan "Povo desenvolvido é povo limpo" e o personagem deste slogan era o Sujismundo (com "j") que mostrava seus maus hábitos e era punido.

Figura 57 Fonte: Pasquim Edição número 173 do cartunista Ziraldo. O cartunista mostra o que deve ser realmente descartado, os valores ideológicos representados por vários produtos culturais e de comunicação como diversos jornais que estavam alinhados com a ditadura civil-militar.

Figura 58 Fonte: Pasquim Edição número 179 do cartunista Jaguar. A frase o sonho acabou ficou conhecida com a separação The Beatles em 1970, mas o cartunista usa a frase para mostrar que suas liberdades e comportamentos seriam reprimidos porque o regime civil-militar não era a favor a contracultura.

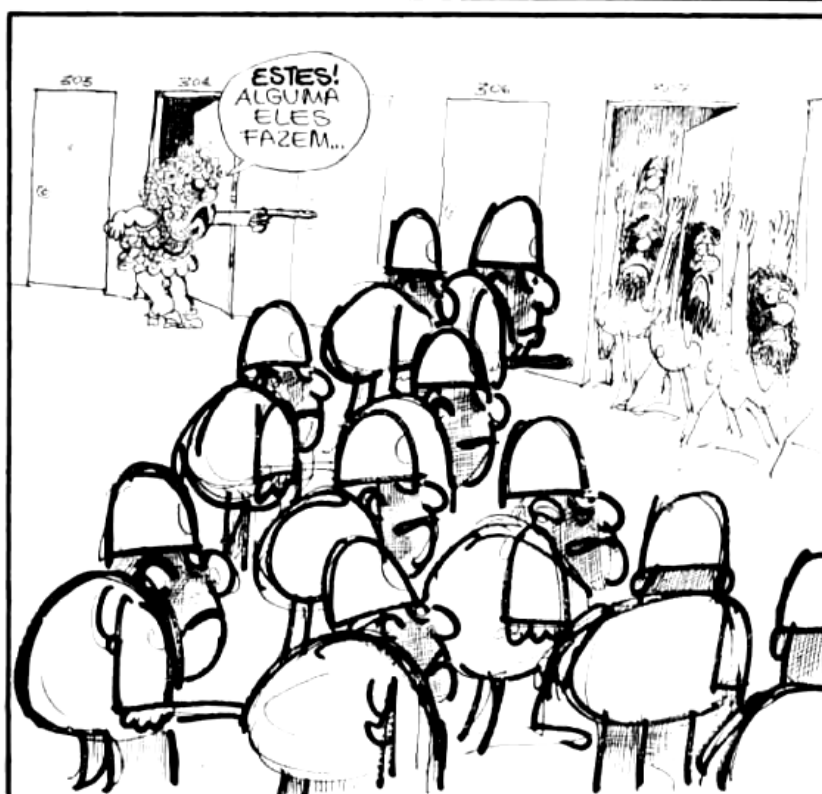



Figura 59 Fonte: Pasquim Edição número 200 do cartunista Henfil (primeira parte).

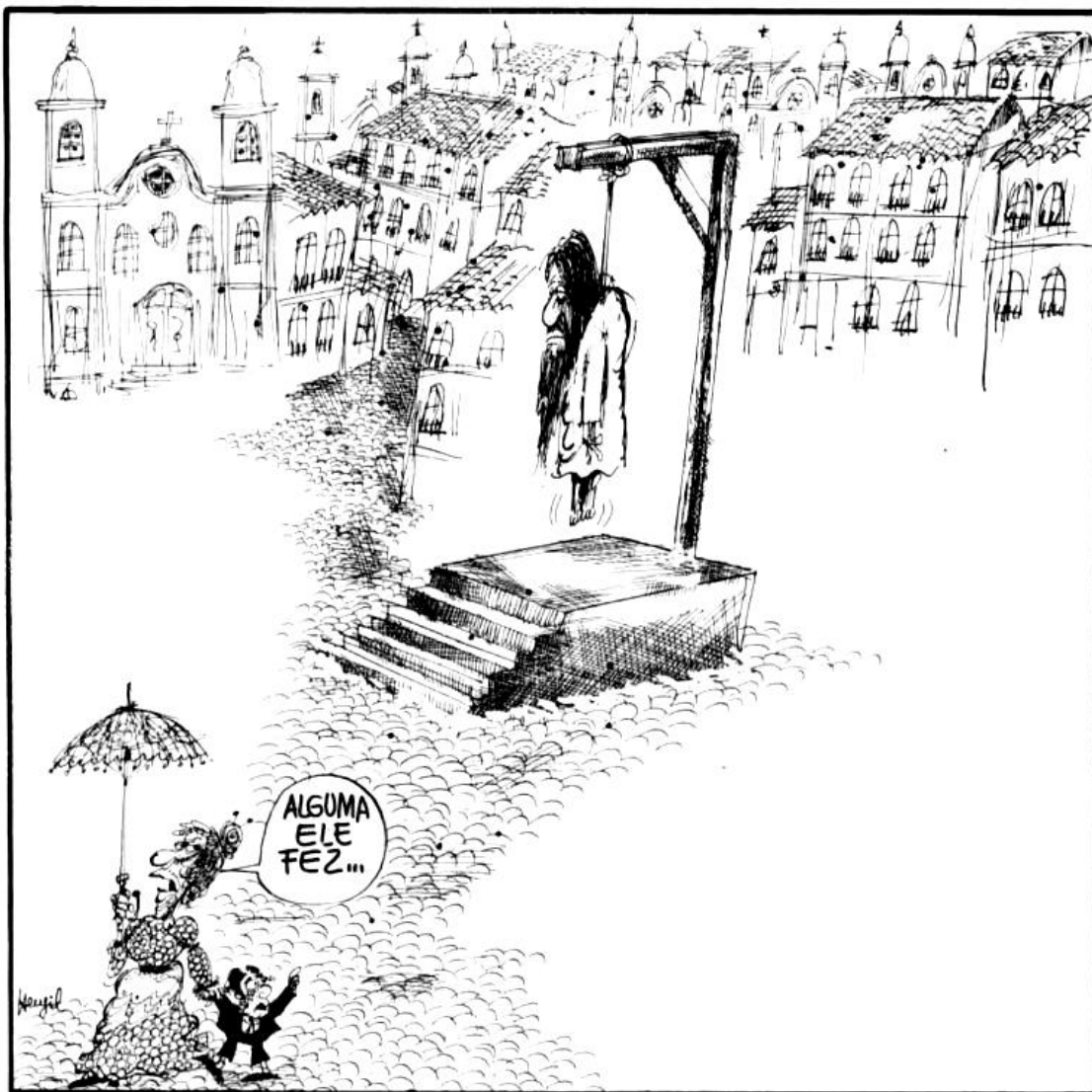



Figura 60 Fonte: Pasquim Edição número 200 do cartunista Henfil (segunda parte). Henfil mostra de forma direta que a sociedade é conivente, não somente pela submissão ao regime quanto ao apoio por delatar e justificar as prisões, torturas e assassinatos, quando o próprio torturado diz "alguma eu fiz" é uma referência à prática de tortura para obter confissões, porém mostra o contraste de Tiradentes que foi assassinado sem delatar e o contraste de época da ditadura militar e ditadura colonial e ambas as situações os sacrifícios das pessoas não foram reconhecidas no seu devido contexto.

Figura 61 Fonte: Pasquim Edição número 246 do cartunista Ziraldo. Em 1974, ao tomar posse na presidência da República, o ditador Ernesto Geisel citou a Arena, partido de sustentação do regime militar, em seu discurso. Ziraldo desenhou uma eufórica rameira na rua, com o nome da Arena escrito na saia, gritando: "Ele sorriu pra mim… Ele sorriu pra mim…".

Figura 62 Fonte: Pasquim Edição número 256 do cartunista Nani. Mostra a censura aos jornalistas e a liberdade de expressão resultando em prisões, torturas e mortes.

Figura 63 Fonte: Pasquim Edição número 304 do cartunista Zélio. Denuncia as várias formas de censura em sentido horário: 1ª o redator escreve como se tivesse um censor o observando, muito conhecida como autocensura; 2ª retrata uma peça de teatro com a frase do amante: "Não é o seu marido – É o censor"; 3ª mostra uma mulher nua repartida em três televisores, porém onde aparecem as partes íntimas da mulher o barman reclama "o censor do canal 2 é fogo!"; na 4ª imagem mostra um jornalista pronto para se jogar do parapeito com a máquina de escrever pendurada no pescoço e na a máquina de escrever escrito "censurado"; na 5ª imagem o censor fala que autorizará a publicação e horóscopo se for favorável a ele e na 6ª imagem um editor do jornal Globe Daly, como grafado na placa ao fundo, aponta para o censor instalado numa mesa ao lado do editor, fala para o repórter: "Não tem problema – Você pode escrever tudo o que ele deixar!".

Figura 64 Fonte: Pasquim Edição número 305 do cartunista Ziraldo. Essa charge é sobre a Revolução dos Cravos ocorreu em 1974 é um movimento que derrubou o regime salazarista que havia se estabelecido através de golpe militar em 1926 em Portugal.

Figura 65 Fonte: Pasquim Edição número 310 do cartunista Guidacci. A tesoura foi usada como símbolo da censura, as matérias dos jornais, rádio e TV que eram considerados subversivos ou que estavam indo contra a ideologia do governo eram "cortadas".

Figura 66 Figura 66 Fonte: Jornal do Brasil do dia 18/04/1976 cartunista Ziraldo. O cartunista faz um trocadilho com a palavra "contesta" e o desenho, mostrando que é assim que o governo deseja que as pessoas sejam: sem consciência política.

Figura 67 Fonte: Pasquim Edição número 386 do cartunista Marco. Para impedir a vitória do MDB, a ditadura proíbe candidatos de falar na TV através da Lei Falcão criada no dia 1º de julho de 1976. A partir dessa lei, a propaganda de TV apenas conteria foto e currículo do candidato, não poderiam apresentar críticas e propostas durante a campanha eleitoral.

CENSOR·TAMBÉM·É·HUMANO!

Deu no Informe JB

Reclamação

Como fazem inúmeros grupos de funcionários, censores estão enviando à imprensa uma pequena nota onde se queixam da vida.

* * *

Ela diz o seguinte:

— Em 1970, em face do acúmulo de serviço que se verificava na Divisão de Censura de Diversões Públicas, decidiu o Departamento de Polícia Federal promover a admissão de Técnicos de Censura sob o regime das leis trabalhistas.

— Os candidatos selecionados, todos portadores de diploma universitário, além das provas de instrução e cultura, foram obrigados a fazer curso de extensão e especialização censoria na Academia de Polícia, em Brasília. Muito louvável, sem dúvida, o rigoroso processo de admissão, embora o salário oferecido não fosse condizente com a importância da função a ser desempenhada.

* * *

— Agora, quando podem oferecer seis anos de valiosa experiência em sua não muito agradável tarefa, no exato momento em que deparam com a oportunidade de um salário melhor promove-se um concurso para a nomeação de Técnicos de Censura, alijando-se a grande maioria daqueles veteranos CLT com um "exame psicotécnico" que os impede de fazer a prova de reclassificação e ingressar no quadro efetivo do Departamento de Polícia Federal.

* * *

— Parece-nos, do exposto, que se pode perguntar:

1) Que vão fazer do tempo perdido aqueles cuja idade já ultrapassou os 40 anos?

2) Teriam tido o indispensável equilíbrio em seu julgamento os Técnicos da Censura pela CLT, agora reprovados no "exame psicotécnico"?

* * *

O simples fato de censores enviarem a jornais uma nota queixando-se de infortúnios funcionais é demonstração poderosa do caráter social da imprensa. Se, por algum acaso, dependesse da tesoura de censores o que deve ou não deve ser publicado, eles mesmos acabariam cortando as reivindicações do grupo.

Finalmente, eles deixam uma grave dúvida a pairar sobre toda a questão:

Se o exame psicotécnico for incompetente, um grupo de pessoas está sendo injustiçado.

E se o exame for competente?

Ziraldo

26

Figura 68 Fonte: Pasquim Edição número 349 do cartunista Ziraldo. Com o fim da censura, o cartunista faz um trocadilho com as expressões populares.

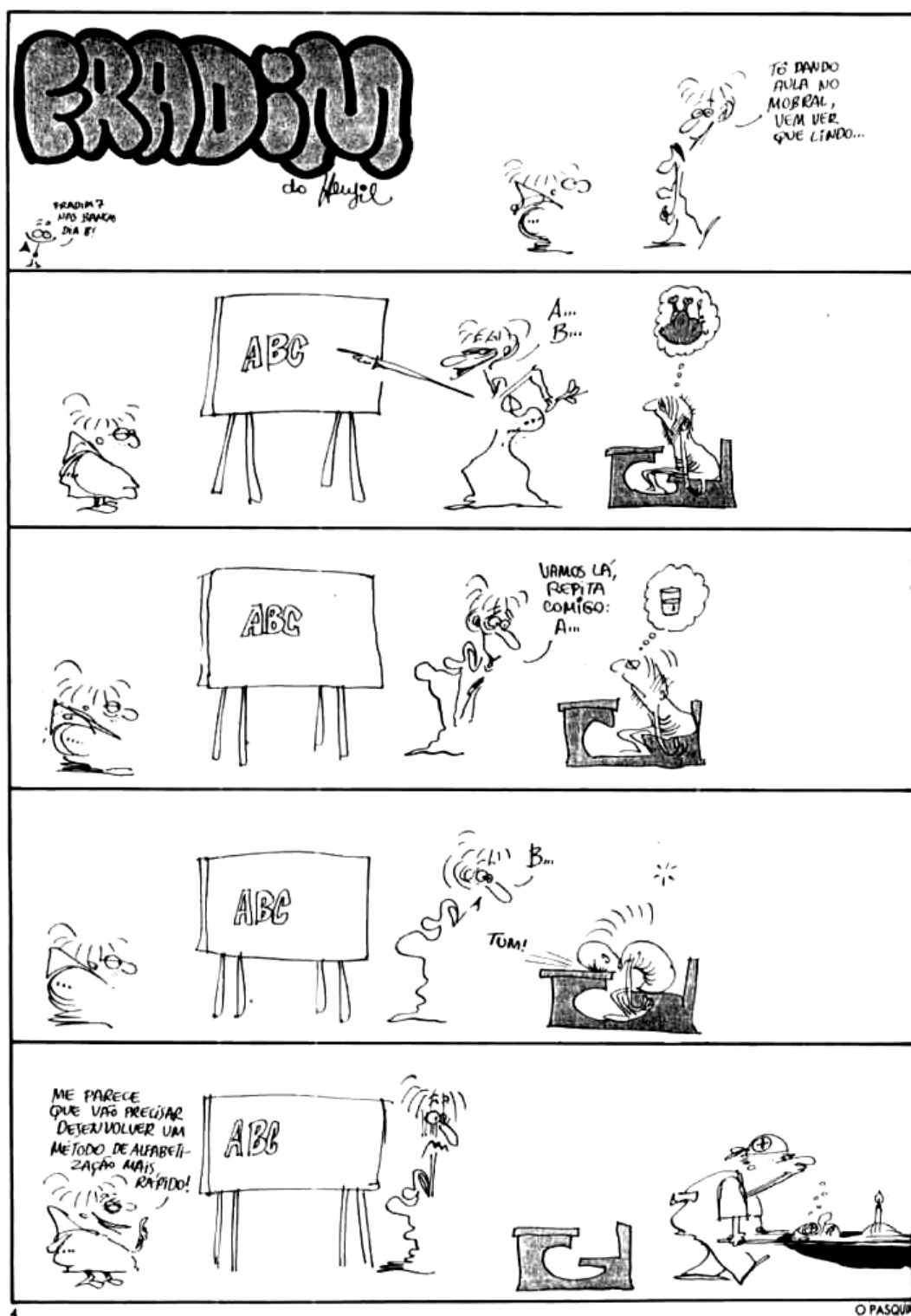



Figura 69 Fonte: Pasquim Edição número 349 do cartunista Henfil. A ditadura civil-militar criou o projeto denominado Mobral - Movimento Brasileiro de Alfabetização em oposição ao método Paulo Freire que propunha uma educação libertária.

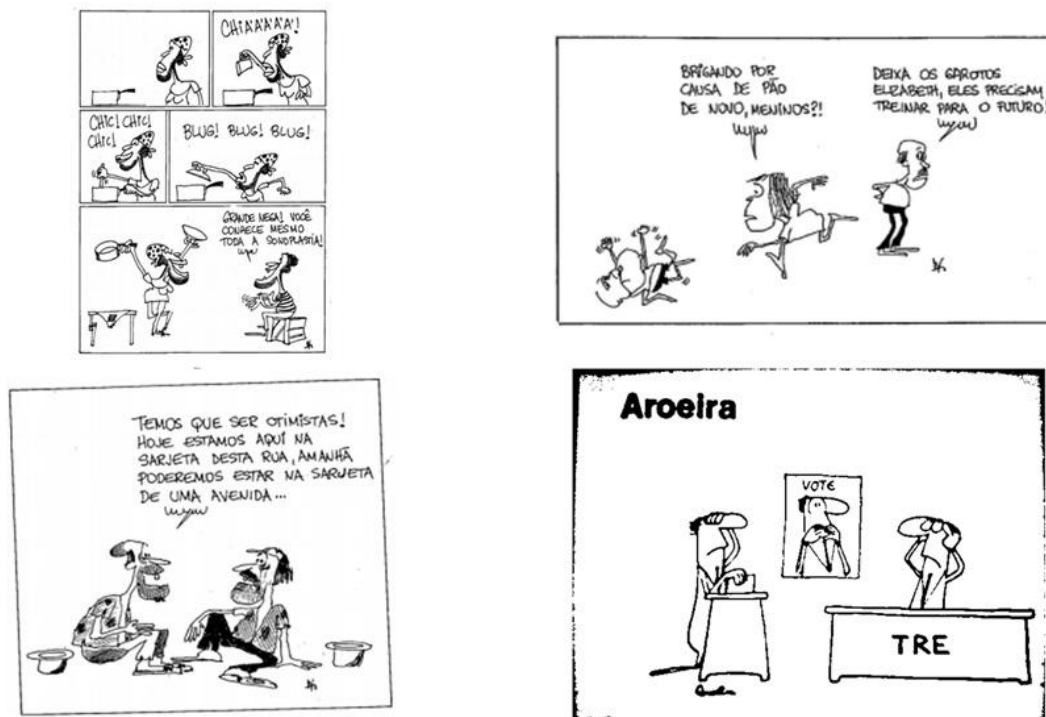



Figura 70 Fonte: Humordaz criava charges envolvendo temas políticos e sociais, em plena era da ditadura militar, sua última Edição foi o número 2, em sentido horário iremos citar cada uma das imagens: 1ª do cartunista Afo retrata o conformismo e má qualidade de vida; na 2ª do cartunista Afo retrata a miséria; na 3ª do cartunista Aroeira retrata a falta de liberdade ao votar; na 4ª também do cartunista Afo imagem temos a alienação e conformismo. A revista somente seria publicada se passasse pela censura, os editores resolveram fechar para economizar gastos. Temos que lembrar que o objeto de estudo são mídias produzidas e com investimentos gerados pelos próprios cartunistas que muitas vezes tinham outros empregos.

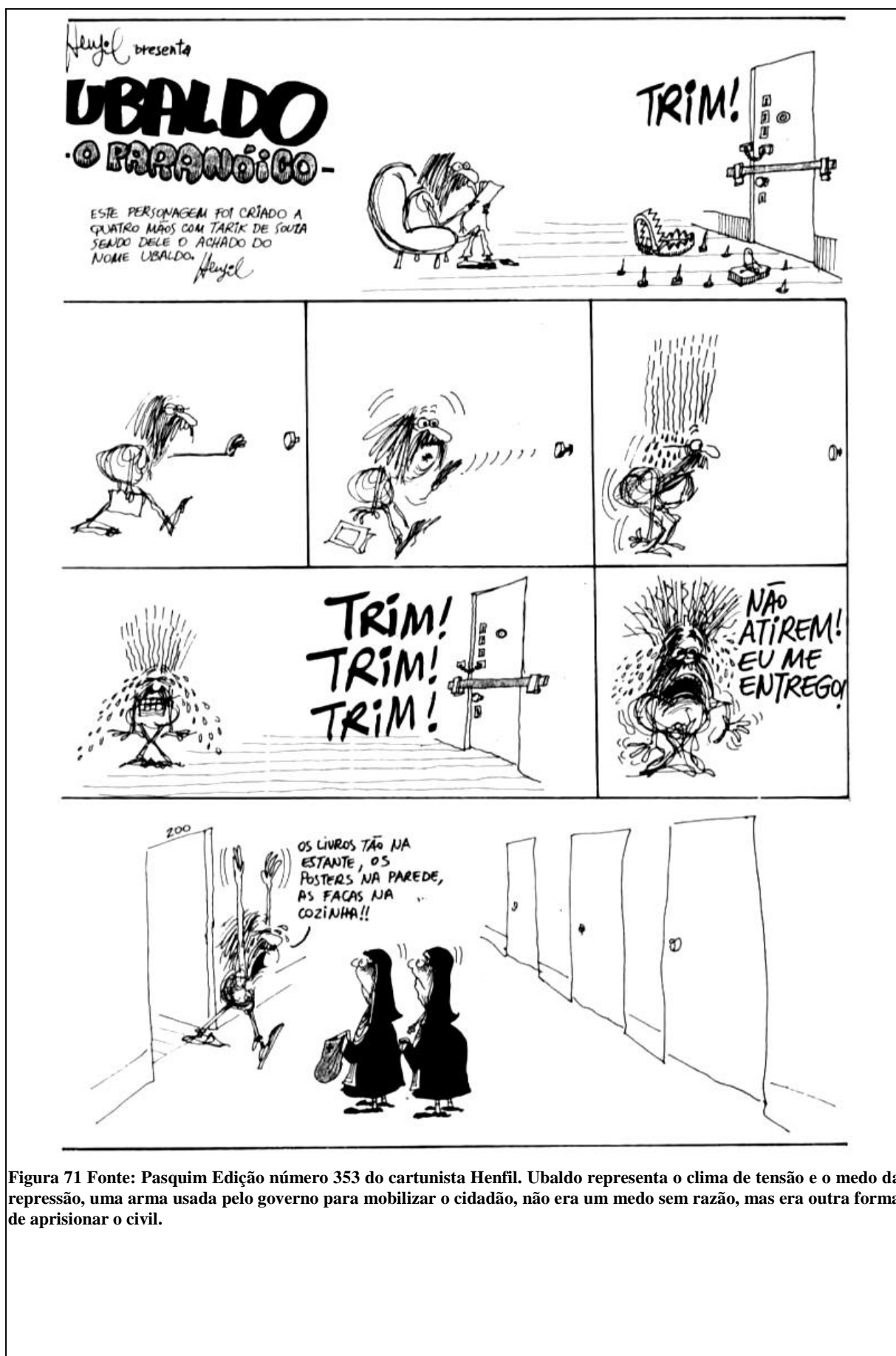



Figura 71 Fonte: Pasquim Edição número 353 do cartunista Henfil. Ubaldo representa o clima de tensão e o medo da repressão, uma arma usada pelo governo para mobilizar o cidadão, não era um medo sem razão, mas era outra forma de aprisionar o civil.

RANGO NO PASQUIM!!!

Era so o que faltava no PASQUIM: Rango. Com a contratação do Edgar Vasques, seu criador, nosso (vosso) jornal acaba de completar a seleção brasileira de cartunistas. Modéstia à parte é o cacete. A partir de agora Rango — sucesso nacional — vai aparecer com sua fome devastadora todas as semanas no pasca. Olhai a ficha do Edgar Vasques: gaúcho, 26 anos, não consegue se formar em arquitetura há oito, desenha pra jornal desde 68 (ilustrador do Correio do Povo), passou pela Zero Hora em 69, faz uma tira semanal sobre esportes no Jornal da Semana durante todo o ano de 70. Rango apareceu nesse ano, 70, em Grilus, da Faculdade de Arquitetura. Já saíram 3 álbuns do Rango, cada um com mais sucesso do que o anterior. — (Jaguar)

Figura 72 Fonte: Pasquim edição número 358 do cartunista Edgar Vasques. É a primeira vez que o personagem Rango aparece no Pasquim para denunciar a propaganda do governo de milagre econômico, contrastando o discurso oficial com a realidade social. O que houve foi uma concentração de renda e o aumento de desigualdades sociais e pobreza.

Figura 73 Fonte: Pasquim edição número 388 do cartunista Ivan Lessa e Redi. São tiras que os cartunistas criaram e cada uma contém uma contestação com tom de piada sobre os valores ideológicos da ditadura, os pobres excluídos da política e de forma geral o cerceamento das liberdades políticas.

Figura 74 Fonte: Pasquim Edição número 491 do cartunista Ziraldo. Contestação à lei de emancipação do índio que retira a identidade do índio, sua etnia para não ter direito as suas terras, consequentemente isso eximia o Estado da responsabilidade de manter e demarcar as terras indígenas para deixar as terras disponibilizadas aos latifundiários. Essa lei prova que os índios também foram perseguidos no período da ditadura, a FUNAI foi criada em 1967, ou seja, dentro do período da ditadura como projeto de controle sobre os povos indígenas. A charge acima denuncia a intenção do governo militar de exterminar o índio.

Figura 75 Fonte: Pasquim Edição número 550 do cartunista Ziraldo (primeira parte). O cartunista realiza uma retrospectiva, uma análise da década de 70 e denuncia a era Médici que foi o período que mais civis foram assassinados após sessões de torturas.

Figura 76 Fonte: Pasquim Edição número 550 do cartunista Ziraldo (segunda parte). O cartunista realiza uma retrospectiva, uma análise da década de 70, a década mais violenta no período da ditadura.

3.3 Anistia:

No dia 27 de junho de 1979 o presidente João Figueiredo assinou a lei da anistia e exilados políticos retornam ao Brasil e figuras importantes como Leonel Brizola, Prestes voltaram ao Brasil e a partir de então se dispuseram a lutar pelo fim da ditadura. A lei da anistia liberou alguns presos políticos, mas ficaram ainda detidos alguns acusados de terrorismo, ou seja, aqueles que tinham lutado a mão armada os militantes guerrilheiros de esquerda; entretanto, a lei da anistia tinha um problema, ela favorecia, também, militares que participaram da repressão, ela assegurou a não punição aos torturadores.

No final dos 70 quando se falava de anistia, não era no sentido de impunidade o que se pedia, e sim de libertação dos presos políticos e da responsabilização de quem tinha cometido crimes de tortura e de desaparecimentos forçados, porém a ditadura usou a anistia e a colocou numa lógica do esquecimento. A lei não se configurava como progressista porque ela tramita no meio de militares, a lei é nos termos que a ditadura queria, Mezarobba explica que a lei se coloca na falsa percepção de legitimidade porque ela tramitou no Congresso, mas três presos políticos enviam uma carta ao senador Teotônio Vilela contestando o projeto de lei:

> "Outro aspecto bastante criticado pelos presos era o fato de a lei garantir uma ampla, geral, irrestrita e prévia anistia aos torturadores do regime ao incluir a expressão "crime conexo ao crime político". Na visão dos três, o projeto do governo fazia parte de outro, maior, "para institucionalizar o arbítrio". A lei, escreveram, "pretende resolver certos problemas não para a livre organização dos políticos, mas para a nova reorganização partidária imposta". (MEZAROBBA: 2006; 34)

É neste contexto que veremos os trabalhos dos ilustradores clamando por uma anistia ampla, geral e irrestrita. No crivo dos ilustradores, a lei da anistia era restrita, mesquinha e discriminatória, visto que muitos intelectuais e estudantes que não pegaram em armas ainda continuam presos. Ainda neste contexto, temos o ressurgimento da caricatura no Brasil quando João Figueiredo querendo transmitir uma imagem popular e humana permitiu que os ilustradores fizessem caricaturas da sua pessoa. Braga explica esse período:

> "É com Figueiredo, desde antes da posse, que vai haver uma retomada da caricatura política, e com tal gana que seria possível fazer uma exposição com as diferentes visões sobre o novo general-presidente propostas por quase todos os cartunistas do Pasquim. Ziraldo diz que, depois dos períodos Médici e Geisel, foi preciso

> reaprender a fazer caricatura. "Quando Figueiredo veio, posto como presidente da abertura, o Pasquim logo estreou com uma página dizendo 'Ah, é abertura?', e fizemos cinquenta caricaturas do Figueiredo. A partir daí coincidiu com a atuação brilhante de Chico (Caruso) no Jornal do Brasil, que reavivou a caricatura brasileira. Mas antes eu já caricaturei o Zé Bonifácio, o Petrônio Portela, o Geisel. Tive que reaprender a fazer caricatura pessoal" (Folhetim, número 269, de 14/03/82) (BRAGA: 1991; 91)

Dentro deste contexto de anistia, veremos nas ilustrações a contestação à lei de emancipação do índio que exime o Estado de cuidar das terras dos índios deixando as terras expostas para que os grandes proprietários de terras a tomassem.

Em 1980 o pluripartidarismo foi readmitido pelo governo, quando os líderes de esquerda voltaram para o Brasil beneficiados pela lei da anistia; eles retornam preocupados com a construção de partidos políticos, desta forma, veremos no final desse período de anistia os trabalhos dos ilustradores que mostram sua posição ou preferência por partidos políticos:

> “O ano de 1979 é também o ano da reformulação partidária. Os novos partidos são criados desde dezembro, quando a ARENA vira PDS e o MDB, PMDB. Surgem o PT, o PDT e o PTB (além do PP de Tancredo que depois se reintegra no PMDB). Ao mesmo tempo em que a oposição passa a dispor de faixas diferentes para diversificar suas linhas de crítica, o pluripartidarismo afasta do governo o risco imediato de oposição única e coesa. Este fato terá repercussões, bem mais adiante, na vida do jornal”. (BRAGA: 1991; 91)

Analisaremos, a seguir, que o traço nos desenhos dos ilustradores se torna um traço mais político e reinvidicatório:

ANISTIA

Figura 77 Fonte: Revista Maria Quitéria número 2 O movimento pela Anistia teve início em 1975 através de mães e esposas de presos ou exilados políticos e teve como líder Therezinha Zerbini.

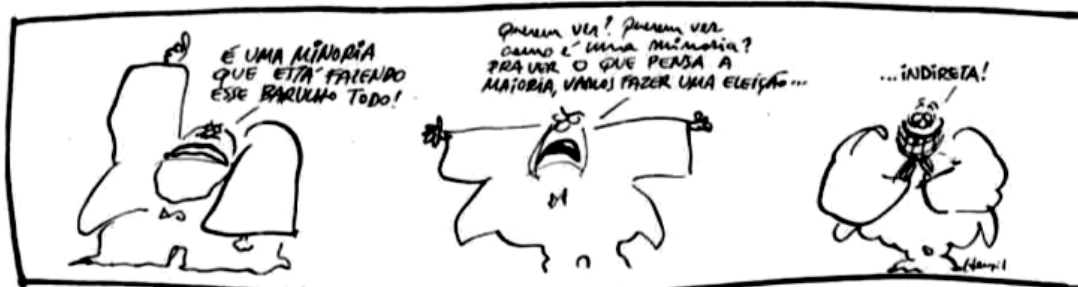



Figura 78 Fonte: Pasquim Edição número 416 do cartunista Henfil. Nas bandeiras dos estudantes vemos as reivindicações como "liberdade" e "verbas para educação", esse movimento é uma prova da consciência política estudantil, mas que não é reconhecida como a matéria exposta referente ao reitor que supõe que os jovens estejam sendo manipulados pela CIA.

Figura 79 Fonte: Pasquim Edição número 416 do cartunista Claudius. As palavras de ordem são "Pelas Liberdades Democráticas", na faixa principal, e a bandeira da "Anistia", levadas pelos manifestantes.

Figura 80 Fonte: ZIRALDO. Ziraldo n'O Pasquim: só dói quando eu rio. Rio de Janeiro: Globo, 2010, p.245. O cartunista explica que em 1978 começa o lançamento da campanha do general Figueiredo à presidência da República e os cartunistas foram liberados e podem fazer caricaturas e conforme as charges acima, cada cartunista faz uma caricatura do Figueiredo, expondo as várias imagens que o militar que representar ao povo.

Figura 81 Fonte: ZIRALDO. Ziraldo n'O Pasquim: só dói quando eu rio. Rio de Janeiro: Globo, 2010, p.245. O cartunista novamente denuncia a imagem que o militar quer representar, nesta charge o Figueiredo em algumas reportagens permitiu ser chamado pelo primeiro nome "João".

Figura 82 Fonte: Jornal do Brasil 04/02/1978 do cartunista Ziraldo. O general Figueiredo vence as eleições a presidência.

Figura 83 Fonte: Pasquim Edição número 473 do cartunista Ziraldo. Enquanto não sai a anistia o cartunista decide fazer pelo menos a capa.

Nossa campanha

Figura 84 Fonte: ZIRALDO. Ziraldo n'O Pasquim: só dói quando eu rio. Rio de Janeiro: Globo, 2010, p.245. O cartunista ao mesmo tempo em que realiza uma campanha a Anistia, faz uma crítica a Nelson Rodrigues que era apoiador declarado ao golpe civil-militar, porém ele tinha um filho militante guerrilheiro que vivia na clandestinidade e o mesmo fazia uma campanha individual em prol somente do filho, além disso, Nelson Rodrigues dizia que "O Brasil é um elefante geográfico. Falta-lhe, porém, um rajá, isto é, um líder que o monte", o cartunista desenha o elefante com laço para lembrar o diploma a inteligência de Rodrigues e desenha um balão com os dizeres "não consigo me lembrar de nada", ou seja que a anistia era uma ação social coletiva e de não alguns privilegiados devido a amizade com os militares.

Figura 85 Fonte: Jornal do Brasil 02/01/1979 do cartunista Ziraldo. O AI-5 foi promulgada em 1978 e a emenda constitucional entrou em vigor no dia 01/01/1979.

Figura 86 Fonte: Jornal do Brasil 27/06/1979 do cartunista Ziraldo. A Anistia é assinada pelo presidente Figueiredo, dentro dos termos do regime “restrita”.

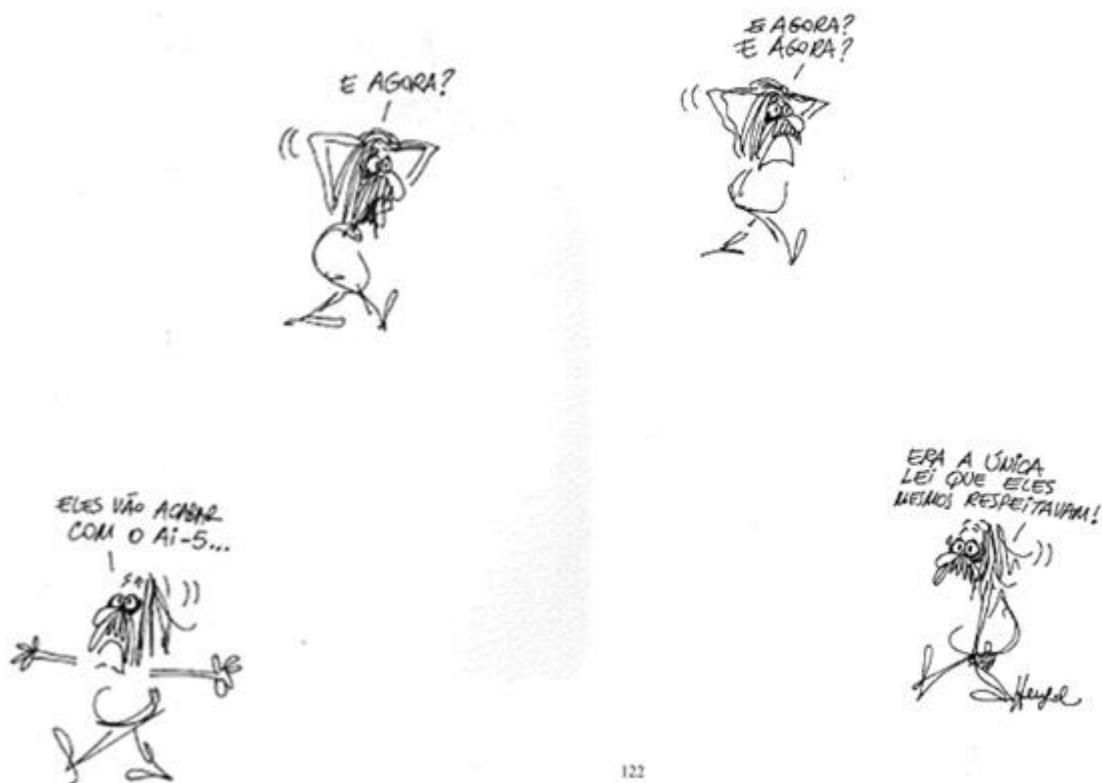



Figura 87 Fonte: SOUZA, Tárik. Como se faz Humor Político. Petrópolis: Vozes, 1985. Cartunista Henfil.

MOVIMENTO

Le Monde

ANISTIA

O Encontro de Roma - pag. 4
A lista das restrições - pag. 4
A luta interna no governo - pag. 4
Debate: o MDB deve dizer sim? - pag. 5

AS PATRULHAS IDEOLÓGICAS
A direita retoma sua bandeira

NICARÁGUA:
A ÚLTIMA MANOBRA AMERICANA

BRIZOLA
Deixou cair a bandeira antiimperialista?

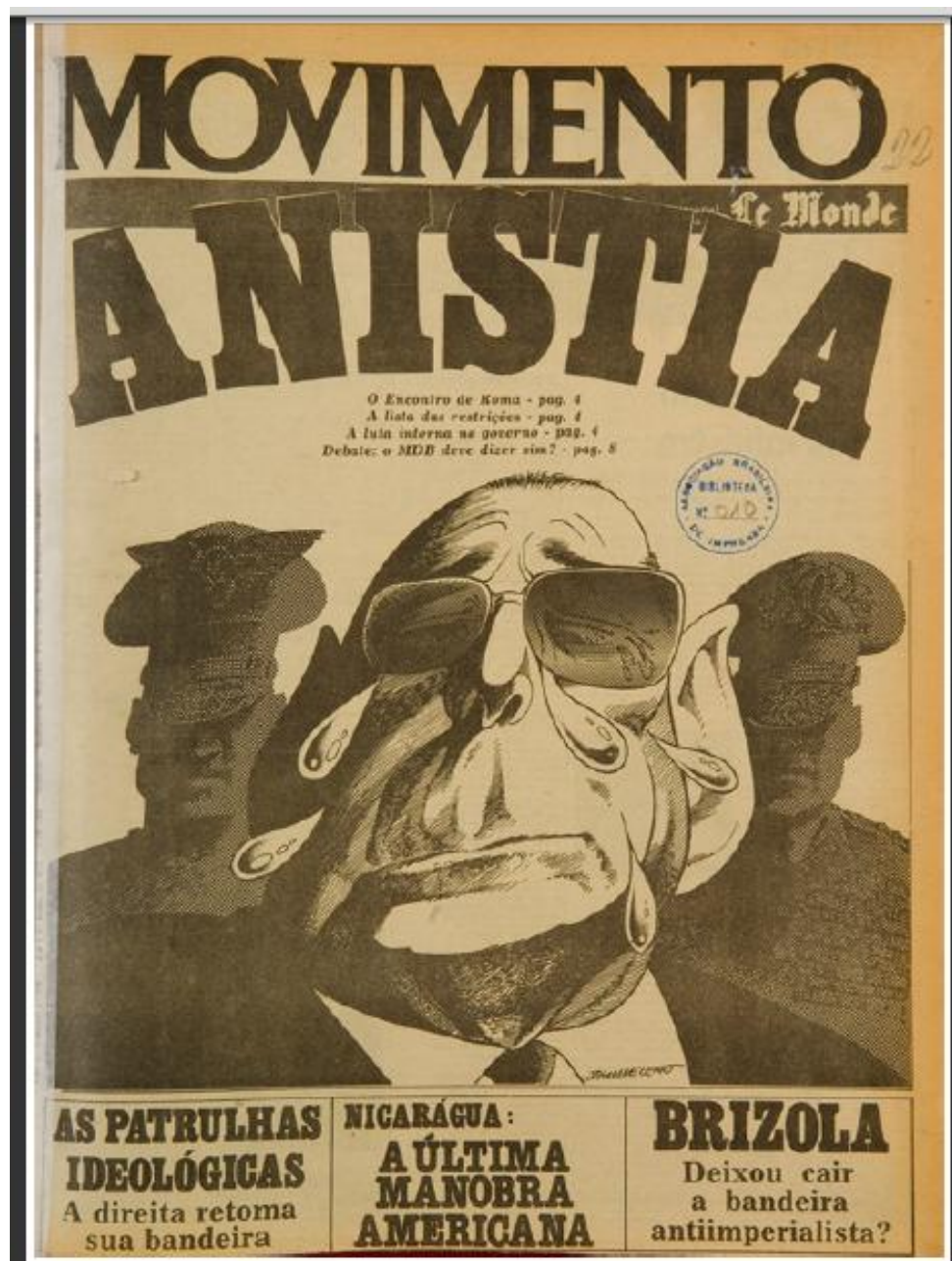



Figura 88 Fonte: Jornal Movimento de julho de 1979, chargista não identificado.

Figura 89 Fonte: Pasquim Edição número 534 do cartunista Ziraldo. Com inflação alta e aumento do preço da gasolina aumentou a insatisfação da população e em Florianópolis o general foi hostilizado por um estudante e o presidente avança sobre o menino para tirar satisfações, como o cartunista descreve acima foi "O Grande Ridículo".

3.4 Abertura política:

A abertura política nasceu de uma crise econômica e não política. O então ministro do Planejamento Delfim Neto e Ernani Galveas na Fazenda tiveram que lidar com a dívida externa e inflações altas, recorrendo a empréstimo ao Fundo Monetário Internacional (FMI) em 1982. Essa crise econômica coloca em xeque a relação do Estado com a economia; o processo de inflação elevada se produziu numa recessão muito forte e, isso resultou no afastamento do empresariado e desencadeou uma onda de mobilização social da esquerda. Teremos uma organização político partidário em busca de uma abertura política e a ditadura desgastada pela crise econômica que propõe uma transição lenta e gradual para a democracia.

O direito de votar para presidente da república começou a ser defendido abertamente pelos governadores oposicionistas que participaram de comícios pela volta da democracia em várias cidades do país e o movimento ganhou o nome de “Diretas Já”. A grande imprensa aderiu ao movimento, que se formalizou a partir da emenda Dante de Oliveira. A esperança era realizar eleições diretas para presidência da república em novembro de 1984 a tempo de definir o governo seguinte. Milhares de pessoas saíram às ruas para pedir mais liberdade e participação política e, eleições diretas para presidente.

No dia 28 de abril a emenda perdeu a votação no Congresso; seguiu-se então a disputa pelo colégio eleitoral, ou seja, em eleições indiretas. Dia 15 de janeiro de 1985, Tancredo de Almeida Neves foi eleito o presidente da República pelo colégio eleitoral derrotando Paulo Maluf candidato pelo governo. Tancredo seria o primeiro presidente civil a ocupar o cargo após 21 anos de regime militar.

Nesse contexto vemos a atuação do ilustrador Henfil criador do slogan “Diretas Já”:

> “Ah! A outra foi do nosso Teotônio Vilela... Eu comecei a falar o máximo nele, a desenhar, a fazer entrevistas com ele no momento em que a imprensa estava se fechando toda pra ele. E culminou com o grito "Diretas Já!" e o desenho dele com a bengala. Tárik - Você transformou-o, praticamente, num personagem, né? Henfil - Foi. Independente dele agora. Ele morreu e continua vivo no desenho." (SOUZA: 1985;56)

Analisaremos como os ilustradores se posicionaram diante das criações dos partidos políticos e a expuseram os ataques terroristas dos militares para impedir a abertura política:

ABERTURA POLÍTICA

Figura 90 Fonte: Jornal do Brasil 17/07/1979 do cartunista Ziraldo. Criação dos partidos políticos.

Figura 91 Fonte: Jornal do Brasil 23/12/1979 do cartunista Ziraldo. O cartunista satiriza a falta de imaginação com os nomes dos partidos políticos.

Figura 92 Fonte: Jornal do Brasil 26/12/1979 do cartunista Ziraldo. Organização dos partidos políticos.

Figura 93 Fonte: Pasquim Edição número 630 do cartunista Ziraldo. Atentado no Rio Centro no dia 30/04/1981 véspera da comemoração do Dia do Trabalhador com participação de vários artistas, um grupo de militares conhecidos como "linha dura" estavam descontentes com o processo de redemocratização planejaram causar pânico e desordem, mas mostrou a verdadeira face da ditadura, terrorista.

Figura 94 Fonte: Pasquim Edição número 630 do cartunista Ziraldo. Atentado no Rio Centro no dia 30/04/1981 véspera da comemoração do Dia do Trabalhador. Uma das bombas explode antes do tempo matando um militar e conforme a charge mostra complicando a imagem dos militares e do governo, intensificando a queda da ditadura.

Figura 95 Fonte: Pasquim Edição número 630 do cartunista Ziraldo. Atentado no Rio Centro no dia 30/04/1981 véspera da comemoração do Dia do Trabalhador. Podemos ver além do humor irônico o trabalho da caricatura do presidente João Figueiredo.

Mãe,

Tem razão, ando passando muito pouca afetividade pelas cartas. Entreguei-me ao cultivo da ironia e do cinismo mais indecente, para quem só tem por que se apresentar diante de todos se for para dar testemunho de esperança.

Eu não sou o coronel Job, sou filho de dona Maria da Conceição Figueiredo Souza, de Bocaiúva. Preciso me lembrar disto.

Ainda agora, também o primo Figueiredo se encontra distante e isolado da família. E muito doente. Sem que nenhum de nós se aperceba da causa de tanto mal e faça alguma coisa para ajudá-lo. Primo é primo e o mineiro é solidário no câncer. Mesmo quando ele é pura somatização. Ou não é somatização claríssima o problema no olho e no joelho do primo?

Acho assim. Para não chorar por ter que demitir amigos, o primo bloqueou suas emoções. Aí o corpo se rebelou e simbolicamente entupiu o canal lacrimal. Pior, retendo no ar um chute que arrebente os inimigos da jurada democracia, o primo se imobilizou. Imagino ele segurando na cadeira o gigantesco impulso que seu corpo acumula dia a dia. Resultado: uma sintomática nevrite na perna direita.

Longe de mim rogar praga. Mas ou o primo abre, se libera, ou ficará entrevado por mil somatizações. Por Deus, já pensou que casuísmos seu corpo vai arrumar se ele bloquear eleições livres em 82? Tanto pode dar uma ridícula pelada na cabeça, quanto dolorosa artrite nas mãos, ou, então, cruz credo, uma agoniante prisão de ventre que mamão ou ameixa nenhuma vai resolver. Só eleições livres, livres, livres...

Êita! Só de liberar minha afetividade pelo primo, melhorei de uma micose que me enlouquecia desde o 1º de Maio.

A bênção do seu nenzão,

Henfil

Figura 96 Fonte: Isto É do dia 15/07/1981 do cartunista Henfil sobre o Atentado Rio Centro. O começo da década de 80 foi marcado por vários atentados a bomba como citado na charge, porém o governo queria colocar a culpa na Vanguarda Popular Revolucionária que não existia desde 1973, para forjar as provas do atentado terrorista e incriminar os grupos de esquerda.

Figura 97 Fonte: ZIRALDO. Ziraldo n'O Pasquim: só dói quando eu rio. Rio de Janeiro: Globo, 2010, p.245. Começa as eleições em 1982 e a charge retrata a disputa entre os partidos.

HENFIL

Mãe,

Tu me ensinou a não ser covarde. Vou honrar as calças em que a senhora pregou o primeiro botão.

Ora, o Jair Meneguelli, presidente dos metalúrgicos de São Bernardo, foi finalmente enquadrado na Lei de Segurança Nacional (até quando?) por ter-se referido ao governo como canalha. Digo governo, porque o Jair nem conhece o senhor Figueiredo e se referiu a quem quer que fosse que estivesse no governo. Pois bem, o Jair assim falou do governo e vai ser enquadrado, seu corpo esquartejado, salgado e espalhado pelas ruas de Vila Rica.

Temos sido 130 milhões de covardes. Sim senhores. A senhora também. Todo mundo, todo dia, toda hora, tudo segundo, xinga o governo de nomes tão cabeludos que o dicionário do Aurélio tem sido insuficiente. Somos uma nação sublevada em palavrões. Porém *um* dos 130 milhões se descuidou e deixou cair a palavra de ordem nacional nos ouvidos de um gravador. Agora só este *um* será enforcado. E o que os 130 milhões de cúmplices fazem? Chamam o Jair de bobo por ter-se deixado pegar!

Qualé a nossa? Se temos calças e calcinhas para honrar, é hora de todos nos apresentarmos à diretora do grupo escolar para sermos todos enquadrados na mesma lei. Mas, pelo que vejo, a lei tem razão em condenar o Jair por difamação. Ele errou: canalhas somos nós!

Henfil

Mãe,

Faltam-nos palavras. O peru gluglu, mas nós estamos morrendo de fome, estrangulados, sem balir, mugir, zurrar ou cacarejar como qualquer animal competente sabe fazer. Qual será o pio perdido do povo? A vaia? Houve época em que o homem em extinção vaiava. Mas, depois que o incrível LUF fez da vaia aplauso, o povo emudeceu impotente.

Tô aqui com problemática, não. Tô com a solucionática! Dos estádios de futebol nos chega mais uma vez a luz divina. Mais um técnico caiu inapelavelmente depois que a torcida o feriu com seu grito: BURRO! BURRO! BURRO! É irresistível, mãe. Já caíram do seu cargo, em questão de segundos, um técnico do Internacional, o técnico Dino Sani e, só no Flamengo, caíram consecutivamente os técnicos Carpeggiani e Carlinhos. O técnico do Vasco, Antônio Lopes, foi só ouvir a massa ensaiar, num simples treino: Burro! Burro! Burro!, que disparou pras arábias confessando: "É hora de ir..."

Qual o segredo, o que será que BURRO! BURRO! tem de tão mortal? Não importa. Só sabemos que funciona com a precisão de uma picada de jararaca. E isto nos basta. Vamos lá, pessoal, todo mundo, gaviões da fiel, peixeiros, PT, PDT, PMDB, flamantes e colorados, das arquibancadas para as praças e avenidas:

BURRO! BURR... melhor no plural: BURROS! BURROS! BURROS!

Henfil

Figura 98 Fonte: Isto É do dia 13/07/1983 do cartunista Henfil. O cartum transmite a indignação do cartunista diante da falta de ação do povo que permite ser moldado pela ideologia e repressão do governo.

Figura 99 Fonte: HENFIL. Diretas Já!. Rio de Janeiro: Record, 1984. Em 1984 começa o comício pelas eleições diretas. Numa entrevista do Pasquim com Teotônio Vilela, Henfil reservou para o final uma pergunta retórica "E aí, Teotônio, diretas quando? Diretas Já". A caricatura representa Teotônio Vilela que faleceu de câncer 1983.

Figura 100 Fonte: Folha de São Paulo do dia 23/01/1984 do cartunista Angeli sobre a campanha Diretas Já.

Figura 101 Fonte: SOUZA HENFIL. A Volta do Ubaldo - o Paranoico. Rio de Janeiro: Geração, 2006. Cartunista Henfil. Em abril de 1984 o Congresso Nacional rejeita a emenda para eleições diretas em 1985.

Figura 102 Fonte: Isto É de 01/08/1984 do cartunista Henfil. O título da charge "Sou boy" é referência a música da banda Magazine. Neste cartum o personagem Ubaldo que representa os civis passivos, encontra o Teotônio morto no ano anterior que ao dizer sua frase "Diretas Já" é interrompido e enterrado por uma multidão que o enterram novamente junto com os seus ideais descritos na charge "constituinte" e "moratória", no canto direito representa o José Sarney, mostrando a raiz da propaganda enganosa em torno do político.

Figura 103 Fonte: HENFIL. Diretas Já!. Rio de Janeiro: Record, 1984. Henfil sempre coloca como protagonista o povo que é capaz de mudar a realidade e neste contexto o processo eleitoral, o cartunista insere o militar como um agente, um representante do governo que procura censurar o povo, mas de forma isolada para mostrar que o povo tem o poder.

Figura 105 Fonte: O GLOBO do dia 19/11/1984 do cartunista Chico Caruso. Mostra a disputa a presidência no Colégio Eleitoral entre Tancredo e Maluf.

Figura 104 Fonte: O GLOBO de 04/03/1985 retrata a última campanha de Tancredo a presidência.

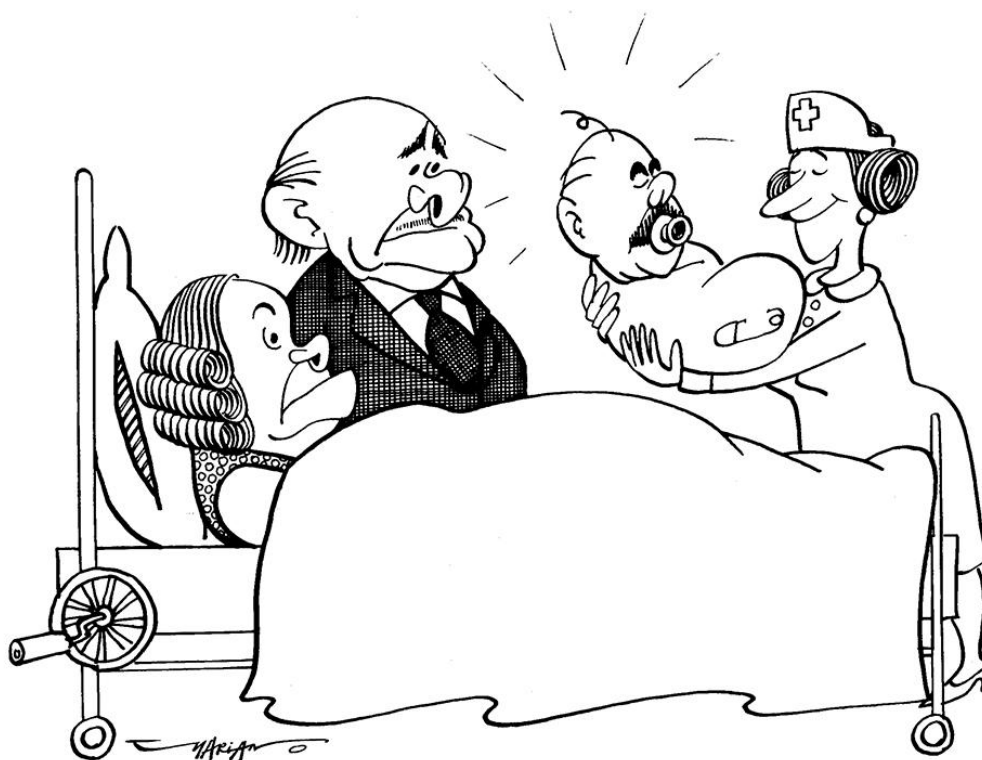



Figura 106 Fonte: Última Hora de 24/04/1985 Charge do ilustrador Mariano que retrata o recém-nascido José Sarney é empossado como presidente no lugar de Tancredo Neves por estar internado para realizar uma cirurgia de urgência no abdômen.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os ilustradores marcaram sua posição por meio de seus trabalhos diante de um período controvertido, utilizaram as imagens como elemento de reconhecimento e traçaram um percurso na história da ditadura por meio das caricaturas, cartum, charges, tiras usando como instrumento de reflexão e crítica o humor, porque o riso é social e a arte é política. Vimos que o principal objetivo dos ilustradores era contestar e ridicularizar as regras do regime civil-militar, a moral e os costumes da burguesia.

Através das análises das imagens pudemos identificar o materialismo dialético na história da arte dos ilustradores no período do regime civil-militar, temos como tese a imprensa, a antítese a imprensa alternativa e a síntese a revolução dos HQs que contestaram a presença do imperialismo americano e iniciaram o processo de criação de traços e personagens nacionais que foram usados para transmitir as ideologias dos ilustradores.

No primeiro capítulo deste trabalho desenvolvemos uma planilha que identifica a imprensa alternativa como oposição e usa o traço dos ilustradores como resposta, uma antítese ao regime civil militar. Desta forma, os ilustradores marcam sua posição através de sua síntese própria, uma cultura produzida e não uma cultura imposta.

No segundo capítulo procuramos analisar não somente as características de cada traço, como também a circularidade nas imagens, que a produção cultural dos ilustradores não vem de um crivo individual, mas de grande parte da sociedade que o ilustrador identificou e traduziu o sentimento da época, o relacionamento circular prossegue da reação do leitor diante do trabalho do ilustrador não apenas pela descoberta do implícito, mas da mobilização pelo riso vingativo usado para constranger a lógica do sistema.

No terceiro capítulo procuramos investigar as temáticas que surgiram durante o período da ditadura que alteraram o traço no trabalho dos ilustradores. As imagens expostas embora fizessem parte de um conteúdo jornalístico, elas não têm um tom de reportagem, mas de análise, opinião e crítica. Ao analisarmos as imagens durante a incursão da ditadura pelos traços dos ilustradores, descobrimos que algumas imagens fizeram parte das últimas edições alternativas que foram extintas durante o período da ditadura, prova que a pior das torturas é ter a sua voz silenciada, sua escrita limitada e seu desenho apagado.

Atualmente, não vemos na imprensa destaque aos trabalhos dos ilustradores, isso porque grande parte das caricaturas, dos cartuns, das charges e das tiras eram veiculadas por meio da imprensa alternativa, após o processo de abertura política vemos uma interrupção no processo, Kucinski explica que o problema era que os alternativos não poderiam mais expressar os pensamentos do redator, mas estar em harmonia com as ideologias empresariais da grande imprensa por causa do processo de institucionalização, antes quem cuidava da imprensa alternativa como Pif-Paf, Humordaz, Balão e Pasquim eram os ilustradores. Kucinski explica duas causas para a crise da imprensa alternativa: falta de experiência gerencial e surgimento dos partidos políticos após a anistia e processo de abertura política:

> "Os mecanismos formais de democracia interna dos jornais alternativos de frente não resistiram ao sectarismo ideológico, à ética dos interesses partidários. À medida que se abria espaço para a rearticulação partidária, perdia sentido o condomínio forçado das frentes jornalísticas. O fim da ditadura foi desagregador para os jornais de frentes comandadas por partidos de esquerda. A imprensa alternativa não era substituta da imprensa clandestina dos partidos, que de forma precária sobreviveu sob a ditadura, mas a atividade inerente aos jornais alternativos, suas assembleias e redações, suas campanhas de assinaturas e seus debates, eram um substituto do próprio partido como espaço social e de articulação nas condições da ditadura, e dispensável sem ela. Com a abertura, essa função desapareceu. Os partidos se organizam abertamente. Abandonam a imprensa alternativa, na qual precisavam conviver forçosamente com outros partidos e facções, e lançam seus próprios jornais, quase que simultaneamente, a partir de junho de 1979. Estava selado o fim dos alternativos políticos portadores de projetos nacionais." (KUCINSKI: 1991; 97).

Os jornais alternativos não encontraram mais espaço para transmitir suas ideias se não estivessem filiados a um partido. O trabalho dos ilustradores passa a ser valorizado no campo acadêmico em 1997 quando o governo desenvolveu o Programa Nacional Biblioteca na Escola (PNBE), o programa incluiu a história em quadrinhos como prática pedagógica. De fato, através desta pesquisa apresentada, pudemos ver o quanto do trabalho dos ilustradores pode ser usado para estimular a cognição. As charges tanto atuais quanto dos tempos da ditadura também são usadas em provas de ENEM e de Concursos Públicos, mostrando a resistência do trabalho dos ilustradores.

A investigação por meio das imagens dos cartunistas mostrou a riqueza de material que pode ser usada de acordo com as questões que o historiador procura, ao mesmo tempo essa pesquisa ampliou a questão da arte e da metodologia. Ao olharmos as sociedades do passado, não podemos esquecer-nos de olharmos para o crivo cultural. Eu tenho um evento do passado, por exemplo, a ditadura, de qual ângulo eu vou olhar? Da economia? Dos trabalhadores? Do governo? Dos partidos políticos? Dos estrangeiros? Eu vejo o mesmo problema, mas de vários ângulos e nessa pesquisa optamos a iconografia dos ilustradores da imprensa alternativa que não é uma cultura de elite, ou melhor, de arte elitizada, mas de ilustradores que nos deram pistas do sentimento da época, do cotidiano e da crítica de massa.

4.1 Resistência e novas questões:

Desde as aberturas políticas temos que lidar com novas questões e o surgimento de movimentos sindicais e jornais locais que utilizam o trabalho dos ilustradores para dar impacto às suas ideologias. Para finalizar, selecionamos algumas imagens de ilustradores atuais que contestam a situação do governo, mostrando a resistência dos seus trabalhos, das suas ideias e a permanência constante do humor porque o riso é libertador:

2 | **CARTA ABERTA À POPULAÇÃO** | Sindicato dos Metroviários de São Paulo **SETEMBRO** de 2016

ALCKMIN MENTE: com privatização metrô não irá até o Jardim Ângela

O governo estadual, comandado por Geraldo Alckmin (PSDB), se complica cada vez que fala das obras de expansão do metrô. Além de todas as obras estarem atrasadas e com gastos exorbitantes o governo mentiu sobre a extensão da Linha 5 - Lilás até o Jardim Ângela, na zona sul da capital

29/9 Dia Internacional de Luta contra a Privatização! Ato em frente a CIDADE II na Rua Boa Vista, 175 às 15:30h

Em mais um passo para a privatização do metrô que ocorreu em Audiência Pública, o governo do Estado teve de responder a perguntas da população e da imprensa sobre a privatização das Linha 5 - Lilás e 17 - Ouro. Mesmo assim não foram capazes de explicar como acontecerá a entrega das linhas aos empresários de forma clara. O que ficou nítido é que o governo vai manter os lucros de empresários e empreiteiras, muitos envolvidos em escândalos de corrupção. A Linha 5 - Lilás não tem previsão de entrega e não chegará mais ao bairro do Jardim Ângela como foi prometido.

Além disso, no início de setembro o consórcio Move São Paulo, responsável pelas obras da Linha 6 - Laranja, que ligará a Brasilândia à estação São Joaquim, anunciou a paralisação dos trabalhos por falta de verba. O Estado gastou até o momento R$ 1,6 bilhões e desapropriou 90% das moradias para a conclusão das obras. O consórcio Move São Paulo é formado pelas empresas Odebrecht, Queiroz Galvão e UTC Engenharia, envolvidas na Lava Jato.

Figura 107 Fonte: Carta aberta à População Edição setembro de 2016 do cartunista Ricardo Soares. Os metroviários denunciam a privatização de uma das linhas do metrô e o cartunista mostra as obras do metrô atrasadas, a charge tem elementos de caricatura no nariz do governador para salientar as promessas não cumpridas e a mentira.

Figura 108 Fonte: Metrô News do dia 29/09/2016 do cartunista Carlos Fatuff. A charge denuncia que a Reforma da Previdência no governo de Michel Temer, impondo uma idade mínima de 65 anos para aposentadoria, ameaça os direitos dos aposentados e sua sobrevida.

Jornal da Classe

TRABALHADORA

EDIÇÃO: OUT/NOV - 2016

11 DE NOVEMBRO É DIA NACIONAL DE GREVE!

Desde que o governo ilegítimo de Michel Temer assumiu a Presidência, os nossos direitos estão indo pelo ralo. Querem rasgar a nossa carteira de trabalho e mudar a aposentadoria para que trabalhemos até morrer.

Estamos perdendo o petróleo brasileiro e sabemos que tirar a Petrobrás do pré-sal significa rifar o futuro do país. As propostas que estão sendo aprovadas ou em curso no Congresso Nacional irão piorar as nossas vidas e fazer cortes drásticos nos investimentos da saúde educação.

A CUT é contra essas medidas de ajuste fiscal porque s quem esta pagando a conta são os trabalhadores, a trabalhadoras e os pobres, enquanto os ricos não têm sua fortunas taxadas. É por isso que a Central convoca sua entidades e toda a população para a mobilização de 11 d novembro, Dia Nacional de Greve! A nossa luta é por nenhur

PEC 241: A PROPOSTA DO FIM DO MUNDO

Para fazer reajuste de gastos no Brasil, Temer escolheu congelar o dinheiro para a saúde e a educação, colocando a conta no bolso da classe trabalhadora e das camadas populares. É isso o que representa a PEC 241/16 - Proposta de Emenda à Constituição, aprovada por 366 deputados em Brasília no 1º turno. Em breve, estará no Senado, que decidirá sobre o futuro do Brasil.

Com esta proposta, em 20 anos, a saúde pode receber R$ 743 bilhões a menos e a educação, em 10 anos, pode receber R$ 32,2 bilhões a menos, segundo estudos feitos por técnicos do Ipea (Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada) e da Câmara dos Deputados.

Essa proposta engessará as políticas públicas e limitará o aumento de investimentos no futuro. Sabe o que iss significa? Podemos perder remédios gratuitos, meno creches, escolas em piores condições, vai piorar remuneração dos servidores, não haverá concurso público e atendimento no serviço das escolas e em postos de saúd serão mais precários. Irão diminuir programas e ações como ProUni, Fies, Mais Médicos, Samu, Upas, farmácias populare e tantos outros direitos.

Nas próximas páginas você verá os deputados de Sã Paulo que votaram contra o Brasil. Cabe a nós, brasileiros brasileiras, a mudança deste cenário. Mais do que nunca momento de irmos às ruas para pressionar os parlamentare que podem decidir o futuro das próximas gerações.

Figura 109 Fonte: Jornal da Cut. Edição out/Nov de 2016 do cartunista Marcio. Convite à mobilização no dia 11/11/2016 contra a PEC 241 depois conhecida como PEC 55 que congela os gastos sociais como investimentos na área da saúde e da educação por 20 anos.

AMANHÃ contra ataques de Temer!

Os metroviários participarão do Dia Nacional de Lutas e Paralisações contra a retirada de direitos no dia 25/11. Hoje à noite será realizada uma assembleia para decidir qual será a forma de mobilização a ser utilizada

Os trabalhadores do metrô de SP são contra a PEC 55, que congela investimentos sociais por 20 anos, incluindo a saúde e a educação. Também combatemos as Reformas Trabalhista e da Previdência, que só retiram direitos e prejudicam os trabalhadores.

O governo Temer quer que os trabalhadores paguem pela crise econômica, praticamente acabando com a Previdência pública e as leis trabalhistas, ampliando as privatizações e terceirizações.

Para barrar todos esses ataques, os metroviários se somarão às Centrais Sindicais e movimentos populares nas atividades de amanhã.

Somente uma forte mobilização impedirá a retirada de direitos duramente conquistados pelos trabalhadores.

As lutas do dia 25/11 fazem parte de uma mobilização maior, a construção de uma Greve Geral no País.

- **Em defesa da educação e da saúde. Contra a PEC 55 e a MP do Ensino Médio**
- **Em defesa da aposentadoria. Contra a Reforma da Previdência**
- **Em defesa dos direitos e contra a Reforma Trabalhista**
- **Em defesa dos empregos. Contra as privatizações e terceirizações**

O pacote de maldades de Temer

PEC 55

Por 20 anos, os investimentos do Brasil em saúde, educação e infraestrutura estarão congelados. Se a PEC for aprovada também afetará contratações no setor público, no SUS, nas universidades federais, os reajustes do salário mínimo das aposentadorias.

Reforma Trabalhista

A proposta de Reforma Trabalhista prevê o fim dos direitos adquiridos aos trabalhadores na Consolidação das Leis Trabalhistas (CLT) mediante negociações coletivas. Isso pode provocar o fim da obrigatoriedade do 13º salário, férias, FGTS e outros direitos e até a redução de salários.

Reforma da Previdência

Essa reforma quer instituir 65 anos como idade mínima para aposentadoria de homens e mulheres e desvincular o reajuste dos benefícios da Previdência do aumento do salário mínimo. Temer quer que os trabalhadores morram sem se aposentar.

Figura 110 Fonte: Jornal Metrô News de 24/11/2016 do cartunista Ricardo Soares. Charge produzida para contestar as reformas do governo Temer e convidar a população a uma mobilização contra a retirada dos direitos.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, Diego L; OLIVEIRA, Thiago. **A Anatomia da Charge Numa Perspectiva de Revolução Sócio Histórica**. Anais Eletrônicos, Recife, PE, 2008, n.1.

ARAÚJO, Maria P.; SILVA, Izabel P.; SANTO, Desirree R. **Ditadura Militar e Democracia no Brasil: História, Imagem e Testemunho**. Rio de Janeiro: Ponteio, 2013.

AUGUSTO, Sérgio, JAGUAR. **O Pasquim: antologia (1969-1971)**. V. 1. Rio de Janeiro: Desiderata, 2006.

_________________________. **O Pasquim: antologia (1972-1973)**. V. 2. Rio de Janeiro: Desiderata, 2007.

_________________________. **O Pasquim: antologia (1973-1974)**. V. 3. Rio de Janeiro: Desiderata, 2009.

BERGSON. Henri. **O Riso: ensaio sobre a significação do cômico**. Rio de Janeiro: ZAHAR, 1983.

BRAGA, J. L. **O Pasquim e os anos 70: mais pra epa que pra oba**. Brasília: Universidade de Brasília, 1991.

BUZALAF, Márcia Neme. **A Censura no Pasquim (1969-1975): As Vozes Não Silenciadas de uma Geração**. Assis, SP: UNESP, 2009. Tese (Doutorado em História). Faculdade de Ciências e Letras de Assis, Assis, SP, 2009.

CAPELATO, Maria Helena Rolim. **Imprensa e História do Brasil**. São Paulo: Contexto/EDUSP, 1988.

DENTERGHEM, Diego Emmanuel de K. **O Antropomorfismo nos Quadrinhos Adultos: Personagens e Narrativa**. 9º Interprogramas de Mestrado em Comunicação da Faculdade Cásper Líbero. São Paulo, 2013.

DONDIS. Donis A. **Sintaxe da Linguagem Visual**. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

FONSECA, Joaquim da. **Caricatura: a imagem gráfica do humor**. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 1999.

GINZBURG, Carlo. **O queijo e os vermes**. São Paulo, SP: Cia. das Letras, 1986.

HENFIL. **A Volta do Ubaldo - o Paranoico**. Rio de Janeiro: Geração, 2006.

_______. **Diretas Já!**. Rio de Janeiro: Record, 1984.

JAGUAR; CARUSO. **O Pasquim - Edição Comemorativa 40 Anos**. Rio de Janeiro: Desiderata, 2009.

JOLY, M. **Introdução à Análise da Imagem**. SP: Papirus, 1996.

KNAUSS, Paulo. O desafio de fazer história com imagens: arte e cultura visual. **ArtCultura**, Uberlândia, v. 8, n. 12, p. 97-115, jan.-jun. 2006. Disponível In: http://www.artcultura.inhis.ufu.br/PDF12/ArtCultura%2012_knauss.pdf.

KUCINSKI, B. **Jornalistas e Revolucionários – Nos Tempos da Imprensa Alternativa**. 2ª edição. São Paulo: Edusp, 1993.

MARTINS, Maria H. Pires; ARANHA. Maria L. **Filosofando - Introdução À Filosofia**. São Paulo: Moderna, 2003.

MEZAROBBA, Glenda. **Um Acerto de Contas Com o Futuro - a Anistia e Suas Consequências**. São Paulo: USP/ Humanitas - Fapesp, 2006.

MINOIS, G. **História do riso e do escárnio**. Trad. Maria Elena O. Ortiz Assumpção. São Paulo: Unesp, 2003.

PETRINI, Paulo. **Gêneros Discursivos Iconográficos de Humor no jornal O Pasquim: uma janela para a liberdade de expressão**. Londrina, PR, 2012. Dissertação (Mestrado em Comunicação). Universidade Estadual de Londrina, PR, 2012.

RAMOS, Paulo. **A leitura dos quadrinhos**. São Paulo: Contexto, 2009.

REGO, Norma Pereira. **Pasquim: Gargalhantes Pelejas**. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1996.

SANTOS, Roberto E. **HQs de Humor no Brasil: Variações da Visão Cômica dos Quadrinhos Brasileiros (1864-2014)**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2014.

SOUZA, Tárik. **Como se faz Humor Político**. Petrópolis: Vozes, 1985.

VASQUES, Edgar. **Rango**. Porto Alegre: L&PM, 2005.

ZIRALDO. **Ziraldo n'O Pasquim: só dói quando eu rio**. Rio de Janeiro: Globo, 2010.

REFERÊNCIAS VIDEOGRÁFICAS

- Henfil – Profissão Cartunista. Documentário de Marisa Furtado. Brasil, 2002.
- Humor com Gosto de Pasquim. Documentário de Louis Chilson. Brasil, 2000.
- Pasquim - A Revolução pelo Cartum. Documentário de Louis Chilson. Brasil, 1999.
- TV Câmara, Documentário Pasquim – A Subversão do Humor. Brasil, 2004.

FONTES: PRIMÁRIAS

- Almanaque Balão, edição 09. São Paulo, novembro de 1972 a julho de 1972.
- Almanaque Humordaz, edição 02. Minas Gerais, julho de 1976.
- Jornal do Brasil do dia 17/07/1979 a 26/12/1979.
- Jornal da CUT de 09/2016.
- Jornal Folha de São Paulo de 23/01/1984.
- Jornal Metrô News de 29/09/2016 e 24/11/2016
- Jornal Última Hora de 24/04/1985.
- O Cruzeiro, edição 24 de outubro de 1964.
- O Globo do dia 19/11/1984 a 4/03/1985.
- Revista Grilus edição número 1.
- Revista Isto É do dia 15/07/1981 a 01/08/1984.
- Tabloide O Pasquim, edições 01 a 630. Rio de Janeiro, junho de 1969 a julho de 1981.
- Tabloide Pif-Paf, edições 01 a 08. Rio de janeiro, maio de 1964 a agosto de 1964.